



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE**  
**CAMPUS ACADÊMICO DO AGRESTE – CAA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

**MANOELA BEZERRA DA SILVA**

**“Todos aqui são educadores”:** cartografia do devir-docente no  
**(des)caminhar-com no Centro de Educação Popular Assunção**  
**(CEPA)**

**CARUARU – PE**  
**2024**

MANOELA BEZERRA DA SILVA

**“Todos aqui são educadores”:** cartografia do devir-docente no  
**(des)caminhar-com no Centro de Educação Popular Assunção (CEPA)**

Dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestra em Educação Contemporânea.

Área de Concentração: Educação.

**Orientador:** Prof. Dr. Fernando da Silva Cardoso.

CARUARU

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Manoela Bezerra da.

"Todos aqui são educadores": cartografia do devir-docente no (des)caminhar-com no Centro de Educação Popular Assunção (CEPA) / Manoela Bezerra da Silva. - Caruaru, 2024.

93f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, 2024.

Orientação: Fernando da Silva Cardoso.

1. Devir-docente; 2. CEPA; 3. Educação popular; 4. Cartografia; 5. Pesquisa-refazenda. I. Cardoso, Fernando da Silva. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

MANOELA BEZERRA DA SILVA

**“Todos aqui são educadores”: cartografia do devir-docente no  
(des)caminhar-com no Centro de Educação Popular Assunção (CEPA)**

Dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, do Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco.  
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 28/06/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fernando da Silva Cardoso (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

---

Profª Drª Daniela Nery Bracchi (Examinadora interna)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

---

Profª Drª Debora Emanuelle Nascimento Lomba (Examinadora externa)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Às intensidades da minha existência, Eremita e Manoel (in memoriam) –  
Avóvôhai.

## AGRADECIMENTOS

Esta página agradecimentos não iria acontecer, não pela dificuldade em agradecer, mas por exigências várias... Porém, busco manter como atitude diária na minha existência, o reconhecimento dos meus privilégios sendo grata e ao mesmo tempo envergonhada por isso...

Estou em agradecimento-com

Com os meus avós.

Com a FACEPE pela bolsa de estudo, foi além, principalmente no amparo, cuidado da minha saúde mental em prol de um sonho tão custoso.

Com as pessoas que se propõem a cuidar na Psicologia, com a pessoa terapeuta que me acompanha, com a pessoa analista, com a pessoa psiquiatra de um outro cuidado que não só passa remédios.

Com o território-lugar CEPA, educadores-educandes-famílias que fizeram esta nossa pesquisa-refazenda.

Com o Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, onde busquei experiências e mais inquietações nas exigências que a “faculdade” mantém.

Com a banca examinadora, apesar do nome puramente acadêmico que me assusta, ultrapassaram, sendo pessoas cuidadosas nas suas falas, propostas, partilhas, considerações potentes que inspiram o estudo e me inspiram, não apenas por terem formação em Psicologia, por também estarem atuando na educação, por aceitar o convite.

Com o universo por ter apresentado mulheres na banca.

Com as pessoas que carrego no meu território interior.

Com o país Caruaru-Pernambuco, onde aconteço. Bairrista que sou, me orgulho com o acontecimento desta pesquisa-refazenda por aqui.

Com a cultura popular artística brasileira, me movimenta/me emociona, o que seria de mim sem o forró, o coco de roda, a cantoria, o repente...

Com a arte musical: Azulão e os artistas de Caruaru... Belchior, Gal, Maria Bethânia, Chico César, Gilberto Gil... Meus respiros.

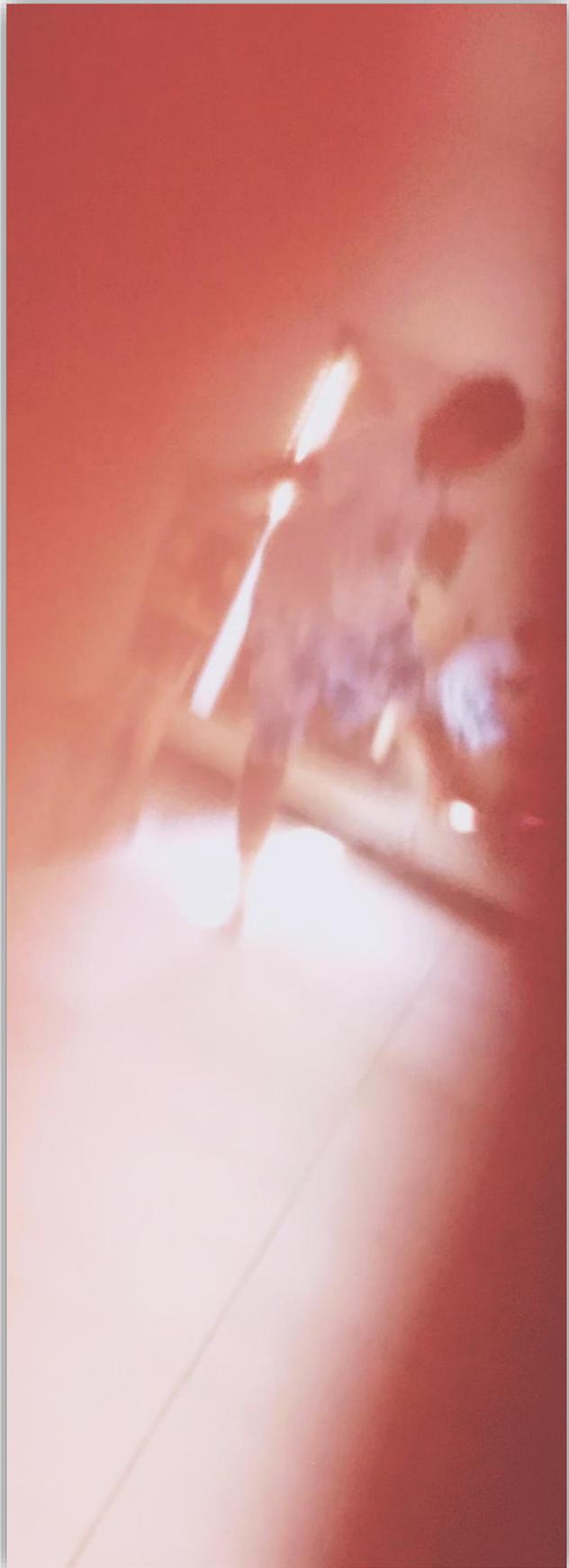
Com Gilberto Passos Gil Moreira. Grandioso Gil, refazenda.

Com a minha avó Eremita, me acompanha em vida. Com o meu avô, Manoel, me acompanha em algum lugar. Num território rural onde somos morada, aprendi com suas realidades “experiência com coisas reais”. Estas fazem com que eu não perca minhas origens, tendo a firmeza de manter os meus pés na terra por onde tanto lutaram (Conheço o meu lugar - Belchior).

Sinto, vou existindo inquieta nas tantas teorias pelas quais tenho o privilégio de... talvez por estas não sustentarem quase a vida toda duas enxadas na mão, mas vocês ao sustentarem, me oportunizaram sustentar

alguma outra coisa que não é nada leve, principalmente, sustentar a vida, a escrita, esses agradecimentos, e, tudo que não cabe nestas linhas... “por isso uma força me leva” com vocês!

Com meus avós nessa imensa conquista, agradeço por essa força estranha... tamanha.



Eu vi o menino correndo eu vi o tempo  
Brincando ao redor do caminho daquele menino  
Eu pus os meus pés no riacho  
E acho que nunca os tirei  
O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei  
Eu vi a mulher preparando outra pessoa  
O tempo não parou pr'eu olhar para aquela barriga  
A vida é amiga da arte  
É a parte que o sol me ensinou  
O sol que atravessa essa estrada que nunca  
passou  
Por isso uma força me leva a cantar  
Por isso essa força estranha  
Por isso essa voz tamanha  
Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista  
O tempo não para e no entanto ele nunca  
envelhece  
Aquele que conhece o jogo  
Do fogo das coisas que são  
É o sol. É a estrada É o tempo. É o pé e é o chão  
Eu vi muitos homens brigando ouvi seus gritos  
Estive no fundo de cada vontade encoberta  
E a coisa mais certa de todas as coisas  
Não vale um caminho sob o sol  
E o sol sobre a estrada  
É o sol sobre a estrada  
É o sol  
Por isso uma força me leva a cantar  
Por isso essa força estranha  
Por isso é que eu canto não posso parar  
Por isso essa voz tamanha  
Por isso essa força estranha  
Por isso essa voz, essa voz, essa voz tamanha  
(Gal Costa).

## RESUMO

A presente cartografia surge a partir do encontro com docentes, como possibilidade de pensar devir-docente. Passeia com os sujeitos nas experiências, atos e atitudes de educar para além de premissas herméticas, ou seja, perspectivas que não se atrelam à manutenção de saberes que imobilizam a fantasia, o refazer e o recriar no processo educativo. Assim, a dimensão devir caminha em abertura, nos modos que a educação popular suscita, aproximando-se dos afetos e dos movimentos de vida na educação. Nesta pesquisa-refazenda cartografo devir-docente no Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), no município de Caruaru-Pe. Pelo horizonte da cartografia em Deleuze e Guattari (1995), ressalto o (des)caminhar-com docentes desde algumas pistas cartográficas: a conversação, a observação e atenção flutuante, o acompanhamento e a escuta das narrativas, além do diário de campo, não necessariamente nesta ordem. Desde a cartografia sentimental, em Rolnik (2011), cogito a inspiração poética da pesquisa pela Refazenda, junto à (des)montagem de um mapa poético a partir de pistas fotográficas nas vivências-com docentes. As experiências devir-docente, sugerem tessituras compreensivas que reorientam a intersecção entre teoria e prática no território da educação popular. A pesquisa-refazenda no (des)caminhar-com, ressalta o vivido enquanto mapa direcionado à experiência e aos atravessamentos no fazer educativo. No devir apresentam-se multiplicidades dos corpos educativos que educam e, ao mesmo tempo, são educados. Desse modo, encontramos-com territórios reflexivos e afetivos que se vinculam ao refazer dos atos do educar desde os afetos e rizomas. Nas experiências-com docentes, compreendemos que devir-docente não se conclui, pois é acontecimento, assim, algo sempre pode escapular no cotidiano.

**Palavras-chave:** devir-docente; CEPA; educação popular; cartografia; pesquisa-refazenda.

## ABSTRACT

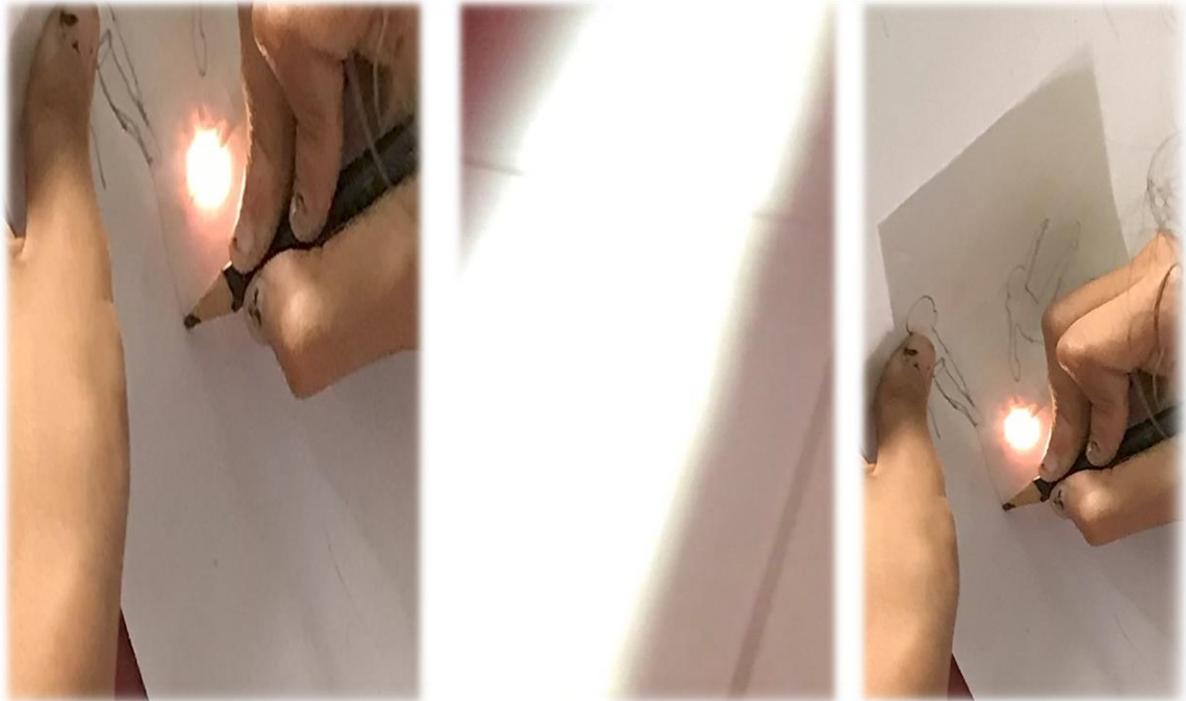
This cartography arises from the meeting with teacher, as a possibility to think about becoming-teacher. Walk with the subjects through the experiences, acts and attitudes of educating beyond hermetic premises, that is, perspectives that are not tied to the maintenance of knowledge that immobilizes fantasy, remaking and recreating in the educational process. Thus, the becoming dimension moves in openness, in the ways that popular education raises, approaching the affections and life movements in education. In this research-*refazenda* I cartograph teaching process at the Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), in the municipality of Caruaru-Pe. On the horizon of cartography in Deleuze and Guattari (1995), I highlight the (un)walk-with the teaching from some cartographic clues: conversation, observation and floating attention, monitoring and listening to narratives, in addition to the field diary, not necessarily in this order. From sentimental cartography, in Rolnik (2011), I consider the poetic inspiration of the research for *Refazenda*, together with the (dis)assembly of a poetic map, based on photographic clues, in experiences with teachers. The experiences becoming-teacher, suggest comprehensive textures that reorient the intersection between theory and practice in the territory of popular education. The research-*refazenda* in (un)walk-with, highlights the experience as a map directed to the experience and the crossings in educational practice. In becoming, there are multiplicities of educational bodies that educate and, at the same time, are educated. In this way, we find ourselves with reflective and affective territories that are linked to the remaking of the acts of educating from affections and rhizomes. In experiences with the teachers, we understand that becoming-teacher does not end, as it is an event, so something can always slip away in everyday life.

**Keywords:** becoming-teacher; CEPA; popular education; cartography; research-*refazenda*.

## SUMÁRIO

<b>1 “ESSAS COISAS TODAS, REFAZENDA, É...”: (DES)CAMINHANDO SEM INÍCIO, SEM INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2 “REFAZENDO TUDO... REFAZENDA TODA”: (DES)ENCONTRO COM O INTERIOR TERRITÓRIO-LUGAR</b>	<b>20</b>
2.1 “Refazendo tudo”: (des)caminhando-com a cartografia	20
2.2 “Refazenda é assim, também pode ser uma cidade, mas a começar pelo interior...”: território-lugar CEPA	23
2.3 “Refazenda toda”: (des)caminhar-com docentes	30
<b>3 “...REFAZENDO, TUDO, É... ANDANDO DE RÉ...”: (DES)CAMINHADA PELAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS</b>	<b>39</b>
<b>4 “REFAZENDO” PARA NÃO SÓ TEORIZAR: ATRAVESSANDO CAMINHOS TEÓRICOS</b>	<b>44</b>
<b>5 “...NA REFAZENDA, TU ME ENSINA A FAZER... QUE EU TE ENSINO” NO (DES)CAMINHAR</b>	<b>62</b>
5.1 “Na refazenda”: (des)caminhar-com devires	63
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>89</b>

## 1 “ESSAS COISAS TODAS, REFAZENDA, É...”: (DES)CAMINHANDO SEM INÍCIO, SEM INTRODUÇÃO



Esta pesquisa caminha em refazenda... Refazenda? “Refazenda não tem muita explicação, refazenda é refazendo”. Pela dimensão do sensível encontro na canção *Refazenda* profundidade para (des)caminhar-com docentes, inspirada pela arte do ser Gilberto Gil. Nessa perspectiva, pode ser pensada por vastos sentidos/afecções/reflexões, está presente em movimentos, esperas, descompassos ao revelar atos, atitudes. Com isso, pela luminosidade humana, cultural e artística em Gil, lanço-me ao acompanhamento das/nas experiências devir-docente.

Esta pesquisa-refazenda está ancorada e inspirada pela cartografia afetiva em Rolnik (2011) e Dias (2021), revela e acompanha multiplicidades, trajetórias em abertura junto aos sujeitos e as vidas na educação. Também está nos deslocamentos, travessias, perigo, desconfortos, desafios que pulsam nas realidades de territórios existenciais e reais. Na refazenda em trânsito é preciso parar não somente para compreender, mas sentir às reverberações corpóreas nas experiências-com.

Dito isto, estou lançada em um grande desafio chamado pesquisa, atravessada por constantes cogitações e exigências no campo acadêmico onde comumente fixa expectativa de estudo a partir de “início, meio e fim”, ou seja, linearidade, algum caminho. Diante das exigências da “faculdade<sup>1</sup>” como diz minha avó, é exigido a escrita, uma linguagem, embora vivencie/busque a linguagem do sujeito popular e sinta esse modo de escrever e de falar enquanto movimento real. Estremecendo ao decorrer, faz-se necessário levar em consideração o acesso à linguagem culta, “escrever certo” sem linha de errância. Meu avô questionaria, minha avó questiona através de olhares ao acompanhar minhas recorrentes preocupações que me leva também à questionamentos e possíveis deslizos justamente pelo medo de errar.

Vou inquieta nos embaraços da pesquisa e na escrita que estremece. Com muita dificuldade nessas linhas na refazenda que se apresenta, as palavras somem, escondem-se, não sei. Tomada também por cobranças próprias não consigo apenas depositar uma escrita, talvez seja por isso que encontrei refazenda, pois preciso da escrita desejante, às vezes fico dias e noites sem conseguir, afinal, nas imensidões que acompanho não é somente abrir o *Word* e escrever, ainda mais a tão esperada pesquisa de dissertação.

Vou sendo devir-aprendiz, ou melhor, pesquisadora cartógrafa sentindo a escrita a partir de caminhos e (des)caminhos apesar da sensação de que: “[...] parece-nos que a escrita nunca se fará suficientemente em nome de um fora” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 33). O que está fora sempre ordena/exige, vou encontrando na pesquisa-refazenda tentativa de outros rabiscos (Rolnik, 2011), rabiscar escritas, arriscar, roubar, descobrir palavras, e, ao mesmo tempo vou refletindo diante de durezas, cobranças, dificuldades que até (parece) inerentes, mas sinto que não, são processos no meio, início ou no fim dos caminhos.

Na refazenda estou sendo tomada por envolvimento, com isso, anseios, inquietações, por não cogitar alguma direção ordenada, um jeito pronto de estar junto ao sujeito em devir-docente. Devir, possibilidade de vir a ser, aquilo que pode ou não acontecer. Na pesquisa que é refazenda não há cogitação de estudo por permanências, assumo esse risco, não justifico por meio de... mas,

---

<sup>1</sup> Modo da minha avó falar para referir-se a faculdade.

me ancoro, diria, em outro modo de pesquisar, sem seguimento do modelo tradicional. Para tanto, encontro em (Rolnik, 2011) possibilidade outra na refazenda dessas coisas todas. Assim, pedras vão se mostrando, com isso me recordo e recorro ao poema de Drummond:

No meio do caminho tinha uma pedra  
 Tinha uma pedra no meio do caminho  
 Tinha uma pedra  
 No meio do caminho tinha uma pedra  
 Nunca me esquecerei desse acontecimento  
 Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
 Tinha uma pedra  
 Tinha uma pedra no meio do caminho  
 No meio do caminho tinha uma pedra.

Caminhos, pedras, remete ao que está construído, pronto, algo fixado. Vejo esses caminhos junto às pedras como os saberes cotidianos, aquilo que se torna comum, passa a ser seguido, é difícil dizer e assumir que neles estamos, mas pela refazenda em meio às inquietações desses caminhos, vou pensando: é possível passear por saberes outros?

Alguns desafios! Alguns riscos!

Arriscar-se por questões densas no estar sendo pesquisadora, desbravar, apreciar incômodos, atravessamentos desses tantos caminhos vai fazendo parte do todo desta pesquisa-refazenda mesmo nesses atravessamentos que acomete, apresenta marcadores, agenciamentos mundanos, cujo objetivo é a delimitação dos sujeitos. Aqui, docentes e corpos educativos nos espaços, também falo de vidas na educação. Diante dos caminhos, numa refazenda busco acompanhar devir-docente no (des)caminhar-com pela possibilidade de pensarmos em modos próprios de estar sendo no mundo, mundo que ressalta saberes/caminhos prontos e caminha por uma naturalidade forjada do “é só seguir em frente”.

Posso ser errante ao tentar tecer compreensões no devir, me arrisco. Devir (Deleuze; Guattari, 1995, 1997), passeia pelas camadas existenciais em fluxos e/ou fluídos, junto aos movimentos constituintes e mecanismos totalizantes que cerceiam vidas. Devir é, também podemos pensar, o devir não é, pode estar. A tentativa de definir fixamente pode contaminar sua essência, não há como fazer devir, de modo que não há como fazer existência.

Devir não é interpretado, está no vivido, em outras palavras, pensar o devir, é pensar nas existências em acontecimento. Devir passeia entre, nesse caso, entre docente e suas experiências em abertura. Devir-docente em emaranhados por frequências bruscas, bordas incompletas revelando o todo, mas, não é completar, afinal, não está para isso ou para aquilo. Imaginar, portanto, devir em movimento, aberto. A abertura no devir revela dimensão do “eu” do sujeito em constante mutação. Devir docente lança-se numa aventura por atos e atitudes desveladora no educar, “[...] está no tempo e não pára de mudar” (Deleuze, 1997, p. 38). Devir mutável em afecções outras, campos de vibração, pulsão. Escapa pela boca, corpo, pele. Nesse fluxo, imergir no devir rompante por conta própria em traços, linhas, roupagens, capturas e atribuições de sentidos. No devir também é possível pôr-se em questionamentos, não há, portanto, domínio do que pode acontecer, eclodir, extrapolar o visceral, com fascínio e fissura ao mergulhar nas experiências-com.

Vou me lançando enquanto aprendiz-cartógrafa (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), ou melhor, devir-aprendiz pesquisadora, envolvida com minhas trajetórias, em convocações nas experiências (já está), já estou-com. Parafraseando Belchior, “não estou interessado em nenhuma teoria... a minha alucinação é suportar o dia a dia e o meu delírio é a experiência com coisas reais...”<sup>2</sup>. Em (des)caminho com Larrosa (2015, p. 13), concordo que “a experiência não pode fundamentar nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia, a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece”. Pelo meu modo de dizer, seria (des)caminhar-com docentes sem fundamento de técnicas, respostas, conclusões.

Vastas sensações vão aparecendo desde o pensar em uma temática de estudo até chegar ao ponto de ter que definir o que pesquisar de fato, caminhada um tanto artilosa. Enfrentar exigências acadêmicas, exigências comigo mesma, afinal, estou sendo atravessada por todos os caminhos com início, meio e fim. Bem, diante de caminhos, aprendi que há muitas possibilidades, temas, questões que implicam em pesquisa, posso ser ousada em afirmar, “tudo” pode

---

<sup>2</sup> Trecho da canção “Alucinação”, composta e interpretada por Belchior, 1976.

se tornar pesquisa. O que fazer em “tudo” isso? Parafraseando Belchior “[...] amar e mudar as coisas me interessa mais”<sup>3</sup>. Na refazenda, algo precisa tocar.

Adianta! Para acessar um curso de pós-graduação, nesse caso, mestrado e/ou doutorado é preciso apresentar uma temática chama-se projeto de pesquisa, basicamente aquilo que desejamos/buscamos pesquisar. Indo pelo horizonte do sentir/sentidos/sensações, encontro a oportunidade” de estar sendo pesquisadora embora sinta “a dor e a delícia de ser o que é”<sup>4</sup> nesta escolha. Já no curso de Psicologia, grande oportunidade e realização interior, sentia/desejava pesquisar. Me des...cobri na pesquisa, pesquisando, sobretudo, o cuidado nos contextos delicados e buscando cuidar com delicadeza, afinal nem sempre isso acontece.

Inquietações me mostraram a possibilidade de experienciar o mestrado, embora muitas vezes me colocando em dúvidas diante do que está no fora. Borbulhas ao pensar o tema de pesquisa não tive muitas dúvidas com relação a isso, mas nas borbulhas, receios surgem, não é só querer pesquisar há uma série de fatores. De todo modo, me implico em vivenciar o cuidado-com (Barreto, 2017). Estudando, recriando a temática deste estudo fui sentindo não apenas uma pesquisa, mas uma pesquisa-refazenda onde existe cuidado-com, embora não seja a proposta deste estudo.

Nessa perspectiva, por me encontrar numa constante inquietação diante dos caminhos, me refiro às experiências acadêmicas, estive agoniada questionando em meio, fim ou início das tantas aulas que nada entendo/dia. Observando tudo e nada em minha volta, ré...parava constantes apreciações diante das falas difíceis que soavam muito inteligentes, bonitas... nem entendia, nem sentia. Caminhando com muitas questões, vida vem, vida vai repleta de caminhos... Inquieta e encucada, onde há tudo isso na teoria/prática no cotidiano, na vida real?

Pois bem, pesquisa-refazenda é encucar, pensar nas coisas cotidianas, nas pessoas, contextos, gostos, cores, jeitos de ver e experienciar a vida (Rolnik, 2011), imergir por conectividades. Pensando nos meus avós, quase não tiveram

---

<sup>3</sup> Trecho da canção “Alucinação”, composta e interpretada por Belchior, 1976.

<sup>4</sup> Trecho da canção “Dom de iludir”, interpretada pelas vozes de Gal Costa, 1982, 1988, e Caetano Veloso, 2001.

acesso aos caminhos e mais caminhos, ou seja, no entender deles, leitura, referindo-se aos estudos, o que caberia dizer-lhes o que tentei/busquei (ainda estou em busca), aprender? Caminhos, angústias, sentindo que a vida cessa, os caminhos não, inclusive, podem tornar-se sem vida, sem sentido, sem...

Em toda esta pesquisa-refazenda esses caminhos pelos quais me refiro são os saberes sobre, diria, os textos e mais textos, livros e mais livros amontoados nas prateleiras e/ou infinitos arquivos em pdfs, ou seja, os caminhos prontos. Devo considerar, também passo por eles, caso contrário, não estaria aqui... Entre caminhos e mais caminhos, talvez, algum (des)caminho: como chegar em um território a fim de (des)caminhar-com docentes? Não tive essa aula, mas na refazenda há possibilidade de descobrir ao (des)caminhar livremente-com.

Atravessada pelos caminhos continuei curiosa de um saber dos meus avós pelo qual não sei o nome, pode ser o saber pela refazenda que me leva a pensar e assumir o saber com e não um saber sobre. A partir das compreensões em Paulo Freire (2011), Alvarez e Passos (2009), vou assumindo o saber sobre voltado para o teorizar e o saber com, a possibilidade de unir teoria/prática, ou melhor, pensar a “faculdade” na vida, nos contextos reais por uma educação do sensível (Pillotto, 2007) e partilha do sensível (Rancière, 2009). Sendo assim, nos livros e mais livros, sei do saber sobre, reconheço. Assumo meus medos nesta pesquisa-refazenda, pois me envolvo na tentativa de não contribuir para manutenção desse saber, do falar bonito e/ou difícil. Refazenda é encontrar palavras quando as nossas somem, vou dando algumas pausas nesta escrita, preciso ouvir palavras da minha avó, afinal, pesquisa-refazenda envolve nossas vidas por outros saberes.

Em refazenda, há vislumbres.

Vislumbro!

Vislumbro o (de)caminhar-com docentes no encontro de experiências, sentindo as borbulhas, emaranhados que pode ou não se apresentar, entre teoria/prática, se possível, entrelaçadas. Ao sentir os caminhos e os (des)caminhos, compreendo necessário o cuidado-com (Barreto, 2017) e a ética. Vou-com pela dimensão ética a partir de Paulo Freire (2011, p. 18), pois, “Só

somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela”. Desse modo, vejo necessário o que move, pois, os caminhos teóricos direcionam, demarcam, as experiências potencializam, quebram.

Nesse ritmo, pesquisa-refazenda potencializa diálogos, compreensões, descompassos, fluxos intensos... (Rolnik, 2011). Vou pensando atentamente no “cuidado com o seu cuidado, com seu cuidado em ter cuidado”<sup>5</sup> na dimensão do que toca. Pelo cuidado, busco nessa refazenda das vidas reais não tornar o estudo para ficar apenas na “faculdade”, fixo nesse lugar, distante de pessoas como os meus avós. Pela refazenda vou pensando nas pessoas, contextos, jeitos, dificuldades, em novos modos de acessar lugares, perspectivas em um estudo acadêmico.

Desafiador!

Re...tomando algumas compreensões de caminhos no saber sobre a partir de Freire (2011), Alvarez e Passos (2009), vejo enquanto aparato, mecanismo que possibilita ter acesso, sobretudo, dominar saberes. O saber com, envolve experiências unidas aos atos contínuos nas multiplicidades de vidas na educação pelo horizonte reflexivo e afetivo. Assim, pelo tocante, vislumbro o (des)caminhar-com docentes e encontro a possibilidade de cartografar devir-docente no território-lugar, Centro de Educação Popular Assunção (CEPA) no município de Caruaru-Pernambuco. Perceber o que apresenta devir-docente no cotidiano do território-lugar. Sentir as possibilidades do devir-docente junto aos seus atravessamentos no território-lugar CEPA. Habitar devir-docente junto aos caminhos e (des)caminhos por novos modos do educar.

Nos percursos, vou (des)organizando o estudo ao que chamarei de movimentos no intuito de situar ou não a (des)caminhada. *No movimento: 1 “Essas coisas todas, refazenda, é...”: (des)caminhando sem início, sem introdução*, apresento o meu sentir e re...pensar por convocações, inquietações,

---

<sup>5</sup> Trecho da canção “cuidado” da banda Nação Zumbi, lançada em 2014.

revelando diálogos e/ou impressões, desvelando o re...nascido desta pesquisa-refazenda.

Re...tomando por perspectivas (des)norteadoras, revelo o movimento 2 *“Refazendo tudo. Refazenda. Refazenda toda”*: encontro com o interior território-lugar. Pelo movimento 2.1, apresento a cartografia e suas pistas na pesquisa-refazenda junto ao mapa poético em toques fotográficos que estarão no movimento da escrita enquanto experiências devir-docente. No movimento 2.2, compartilho o encontro-com o território-lugar CEPA, em outras palavras, o habitar ao (des)caminhar-com docentes. No movimento 2.3, apresento artistas/protagonistas da pesquisa-refazenda.

Pelo movimento 3 *“...refazendo, tudo, é... andando de ré...”*: (des)caminhada pelas produções científicas, apresento os (des)encontros, dito de outro modo, os estudos de teses/dissertações inspiradoras na escrita, refazenda do estudo.

Vou re...pensando o movimento: 4 *“Refazendo” para não só teorizar: atravessando caminhos teóricos*, onde há mergulhos numa dimensão reflexiva pelas tessituras compreensivas enquanto expansão de diálogos, debates/discussões e angústias. Com devir-docente em Deleuze e Guattari (1995, 1997). Rizoma em Deleuze e Guattari (1995). Saber sobre e saber com, a partir de Paulo Freire (2011) e Alvarez e Passos (2009). Experiência (Larrosa, 2015). Boniteza, Docente em Paulo Freire (2011). Ato de educar, Bell Hooks (2013) e Paulo Freire (2011), e, compreensões outras.

Ao imergir no estudo encontro o movimento: 5 *“... na Refazenda, tu me ensina a fazer... que eu te ensino” no (des)caminhar*, vou revelando intensidades, afecções, compreensões do acompanhamento devir-docente no território-lugar, busco o realce das experiências, destacando-as em negrito e em alguns momentos centralizando-as sem posição fixa, arriscando romper alguma norma padrão de pesquisa.

No movimento 5.1 *Na refazenda: (des)caminhar com devires*, passeio pelo rizoma e devir em Deleuze e Guattari (1995, 1996), onde acompanho experiências docentes, com docente capoeira/devir-terra, docente da dança/devir-folhas, docente de teatro/devir-galhos, docentes da educação

infantil, devir-árvore e devir-caule, docente re...fazendo o território-lugar-com pelo devir-raiz, educandes pelo devir-tronco e famílias no devir-água, devires em ramificações na refazenda toda do território-lugar.

## 2 “REFAZENDO TUDO... REFAZENDA TODA”: (DES)ENCONTRO COM O INTERIOR TERRITÓRIO-LUGAR

Nas possibilidades na refazenda, (des)encontros com passos, apreensões, movimentação, con-tato. Aqui, ando em passos lentos, a fim de re...pensar, chorar, pensar devagar pelas pressas. Desafios, ânimos, borbulhas, anseios. Nessa travessia, pensar na refazenda o território onde a pesquisa vai acontecer, protagonistas/artistas e o ato (des)caminhar-com no estudo.

### 2.1 “Refazendo tudo”: (des)caminhando-com a cartografia

Numa pesquisa-refazenda por onde (des)caminhar-com? Em refazenda há passeios pela cartografia proposta por Deleuze e Guattari (1995), possibilidades de adentrar, acompanhar experiências territoriais com docentes no território-lugar CEPA. A cartografia passeia pelos sentidos, con-tato, olhares contemplativos. Nesse horizonte, o (des)caminhar-com docentes no: “Praticar a cartografia e não aplicar a cartografia” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 76), em outras palavras, volta-se às inclinações da vida a fim de compreendê-las por ‘uma atitude que implique em “dar língua aos afetos que pedem passagem’ (Rolnik, 2011, p. 23), abarcando vastas dimensões no devir.

O (des)caminhar-com docentes, refazendo passos, por um cuidado contínuo no intuito de não reduzir protagonistas/artistas em mero objeto de pesquisa nessa era da técnica (Santos, 2009). Importa destacar que técnicas e cartografia nesse movimento de pesquisa-refazenda inviabiliza sentidos e imersão com. Nos constantes formatos tecnicistas é necessário “reconhecer então as novas conexões e hibridações, os novos territórios existenciais que pipocam por toda parte” (Pelbart, 2000, p. 10). Nesse viés, quero dizer que o horizonte cartográfico possibilita o criativo, inventivo com artistas/protagonistas da pesquisa nas novas dobras (Deleuze, 1992) subjetivas de modo que:

Cartografar, conectar linhas, afetos, desejos, construir passagens... Ao mover-se na pesquisa o pesquisador-cartógrafo conecta linhas de ação, sentidos, leituras e territórios diversos, conecta afetos e desejos – o que o mobiliza a pesquisar. E assim constrói passagens, porque os

movimentos de aprender e pesquisar estão na circularidade do viver, não terminam, fluem em passagens (Moura et. al, 2016, p. 4).

Com esta tessitura compreensiva, a cartografia em todo (des)caminhar-com acompanha passagens, paisagens, lugares, territórios e seus contextos no sentir e compreender devir-docente, ou seja, as experiências e acontecimentos destas no território-lugar. Nessa perspectiva, “passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos” (Rolnik, 2011, p. 66) nas experiências reais. Desse modo, nos revela pistas, são pistas cartográficas. (Des)caminhamos-com por algumas delas, observação participante e atenção flutuante, conversação, acompanhamento e escuta das narrativas. As pistas não são sequenciais (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), possibilita imergir ao horizonte da pesquisa na refazenda.

O acompanhamento devir-docente (Deleuze; Guattari, 1995, 1997) pelas narrativas apresenta dimensão potente: “[...] acontece de forma complexa, para além da “audição dos ouvidos”. Ela é uma escuta que passa pelo corpo. Mais do que perceber ou “entender” uma informação passada pela completude poética’ (Rasslan, 2019, p. 9). Acompanhar narrativas não significa traduzir o que foi falado, é estar na experiência (Larrosa, 2015) com o real nos campos afetivos/reflexivos, atentando-se às preciosidades do que vai sendo vivido, também não é escutar apenas pelo propósito de ouvir, requer presença e aprofundamento-com.

O narrar, a partir da tessitura compreensiva em Benjamin (1994, p. 205): “[...] é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador”. Nesse sentido, acompanhar narrativas do devir-docente é também acompanhar vidas, compreendendo que vida docente (Silva, Maria, 2022), não separa outras dimensões de vida. Contudo, algo valioso na cartografia não está apenas em determinado momento, mas em todos os acontecimentos, sobretudo, na contemplação das experiências e realce dos/nos encontros-com (Rolnik, 2011).

A cartografia realça experiências em movimento desde a escrita, ou seja, “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir”. (Deleuze; Guattari, 1995, p.11-12).

Escritas profundezas em todo o trajeto da pesquisa, “[...] escrita: circulando por toda parte” (Rancière, 2009, p. 17), apresentadas nestas páginas, em diário de campo, nesse caso, no “caderno de anotar as coisas” como foi perguntado nos encontros-com no território-lugar. Assim, revelo pela (des)montagem de um mapa poético inspirado em (Silva, Manoela, 2022), movimentos das experiências docentes em toques fotográficos pelos olhares e sentidos no devir-aprendiz pesquisadora. Nesse movimento, entrelaço imagens-cruas-com-imagens-com-reflexos por tonalidade intensa, assim como vai sendo o território-lugar-com ao devir-docente por seus tons luminosos no cotidiano. Com isso, os toques fotográficos vão apresentando narrativas imagéticas ao devir-docente.

Ao acompanhar experiências (Larrosa, 2015), a cartografia nos encaminha ao habitar territórios, ou seja, território-lugar ao (des)caminhar-com, “[...] território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 61). Nesse horizonte, requer de devir-aprendiz pesquisadora estar atenta e forte.

Atenção ao dobrar uma esquina  
Uma alegria, atenção  
Atenção, precisa ter olhos firmes  
Atenção  
Tudo é perigoso  
Tudo é divino, maravilhoso  
É preciso estar atento e forte  
(Gal Costa, 1969).

Atenção!



Ao cartografar devir-docente é necessário ir devagar. Ter olhar atento, expansivo, detalhado, sutil, cuidadoso, dito de outro modo, implicar-se-com pela expansão e disponibilidade de olhares. Intensidades do olhar, re...parando bem até no que não está nítido, imergir por olhares longos. (Des)caminhar-com por olhares arregalados na flutuação da atenção e observação, unindo-as com a conversação em Bell Hooks (2020) e Deleuze (1992). É movimento numa refazenda com a cartografia atentar-se às inteirezas, na entrega no estar-com, con-fiar na entrega. Não é fácil! Afinal, resquícios do caminho de pesquisa tradicional vão aparecendo, recomendações sobre o distanciamento pesquisador-participante.

Na pesquisa-refazenda pela cartografia não há participantes, há protagonistas/artistas. Eu, devir-aprendiz pesquisadora estou lançada ao movimento de (des)caminhar-com muito mais para aprender-com do que analisar e/ou permanecer em determinada postura, estou em travessias ao acompanhar docentes no devir. Na imersão, devir-aprendiz pesquisadora entra em con-tato, aproximação, diálogo-com protagonistas, experienciando sensações con-juntas, assumindo atitudes corporais (Rolnik, 2011), sejam arrepios sorrisos, abraços, enlace nos encontros devir. Ao envolver aproximações, há reverberações diante do contexto da pesquisa tradicional (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), muitos questionamentos vêm à tona. Pode ser considerado pesquisa? Pode a pesquisadora emocionar-se em algum momento ao (des)caminhar-com? É cabível aceitar um café no território-lugar?

“Refazendo tudo” com a cartografia, penso e assumo, uma vez que é pesquisando-com, é necessário ater-se, pois, artistas/protagonistas apresentam suas vidas, sentidos do próprio movimento de ir sendo nas experiências. Nessa perspectiva, na pesquisa-refazenda pela cartografia a atitude do café pode compor e estar presente revelando nuances do devir-docente. As nuances revelam fios conectivos que expande con-tatos, aproximações, nesse caso, relações entre pesquisadora e docentes, entre devires ao (des)caminhar-com.

2.2 “Refazenda é assim, também pode ser uma cidade, mas a começar pelo interior...”: território-lugar CEPA

Nos acontecimentos em refazenda surge o desejo em pesquisar pelo interior, interior devir-aprendiz pesquisadora e o interior Caruaru-Pe. Nos estudos pelas multidões do interior, falo do incessante frio na barriga, “[...] cartógrafo decide fazer uma expedição [...] para alguma cidade onde essa corrente coletiva de desterritorialização esteja em plena efervescência” (Rolnik, 2011, p. 77), o interior Caruaru apresentou ao que vou chamar de território-lugar, na linguagem acadêmica campo de pesquisa, o Centro de Educação Popular Assunção (CEPA). Fui realizando algumas buscas pelo próprio site do CEPA e buscas por estudos do/no território-lugar CEPA, mas a efervescência de conhecer sem a priori foi se sobressaindo. O interior em borbulhas ao pensar na possibilidade de território educacional abarcando atos de educar e apresentando o tanto que inquieta, convoca, ou seja, acompanhar: teoria/prática no cotidiano de docentes no devir.

O território-lugar que antes não o conhecia despertou sentidos/sensações, essas coisas todas na refazenda, ao ir habitando, compreendi que, de fato, não é somente um campo de pesquisa. Diz de algo revelando-se por intensidades e surpresas educacionais. É forte e desafiador! Frio na barriga, embrulhos, corpo inquieto, trêmulo e ao mesmo tempo em curiosidade: “Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 56). Alguma coisa nesta pesquisa-refazenda em constante convocação ao imaginar o território-lugar, as pessoas, as vozes, os rostos, os gestos, os saberes...

Borbulhas, estava me convocando e sendo convocada ao encontro com o território-lugar CEPA enquanto o estudo passava por longos caminhos no Comitê de ética de pesquisa (CEP)<sup>6</sup>. Pelos estudos no devir-aprendiz pesquisadora, tomo posição (Didi-Huberman, 2017), com coragem ou não, entro em con-tato por mensagem com **docente que (des)coordena, ou melhor, está no refazendo-com junto ao território-lugar CEPA**, com-binamos uma visita, inquieta que sou, decidi ir um dia antes a fim de me situar.

---

<sup>6</sup> No Comitê de ética é realizado um parecer, nesta pesquisa-refazenda está sob o N<sup>o</sup> 6.005.901.

Eis que há o caminhar a fim de encontrar/visitar/conhecer!

Pelos caminhos, me perdi, literalmente!

Ao ir de encontro ao território-lugar surgem implicações, curiosidades, empolgação, medo. Em tudo isso, descobri que estive por algumas horas traçando percursos muito próximos. Me dei conta de não saber sobre, mas querer descobrir, saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009). Volto para casa cheia de inquietações. O não encontro nesse momento me fez compreender a potência de buscar (des)caminhar-com, afinal já havia movimentos-com nesse (des)encontro.

Em outro momento, entro em con-tato com **docente no refazendo**, a fim de me situar melhor no percurso, recebi suas orientações por mensagem. Onde está construído o CEPA, quais ruas seriam necessárias percorrer. Refazendo com o (des)encontro nas voltas que dei, estive pensando: como anular o que estou chamando de (des)encontro quando o território vai apresentando movimentos e sentidos na pesquisa-refazenda? (Des)encontro em Boal (2009, p. 27), alguma compreensão de que “os sentidos têm sentido! Não são meras sensações que se apagam com o tempo: têm sentido e direções!”

O desencontro se deu para (des)nortear? Seriam as pedras no caminho ou os próprios caminhos que iria ser mecanismos paralisantes? Pois bem, o corpo, os sentidos em abertura ao perder-se na caminhada em meio às distrações, empolgação ao novo. E agora o que viria pelos caminhos ao retomar a busca pelo território-lugar? Encontro ou o território-lugar encontra na refazenda-com os sentidos em movimento? Há no nosso imaginário que encontramos algo, alguém ou até mesmo algumas coisas em meio ao movimento da vida, mas na verdade, muitas vezes somos (des)encontrados. Clichê? Cafona? Ao meu ver são essas coisas todas nos mistérios da vida, “refazenda não tem muita explicação”, move. São as acontecências pelos sentidos dos nossos territórios em trânsito, pois, “[...] No território, há sempre um lugar onde todas as forças se reúnem, árvore ou arvoredos, num corpo-a-corpo de energias” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 113), nas minhas palavras, borbulhas movedoras nesta intensa refazenda territorial.

No movente, con-sigo chegar no território-lugar CEPA pelas orientações detalhadas do trajeto que recebi de **docente (des)coordenando e refazendo**,

**pois não está na posição de apenas co(ordenar).** Adentro e reparo movimentos no território enquanto estou aguardando sua chegada. Tomada por afecções diversas, vou sendo recebida, observo os olhares, vozes, gestos, território-lugar acontecendo. Andamos pelo território-lugar, eu e docente refazendo, me apresentando cada canto, as salas, docentes, educandos, o palco onde há apresentações, afinal, são artistas. Ré...paro docentes em devir, “experiência com coisas reais?”. Frescor, embrulhos numa tarde de quinta-feira nada comum. Pelas conversações com **docente refazendo** e ao que observo, tomo nota com a compreensão de que o próprio território-lugar não se dá pelo comum, é refazenda dia a dia. Nesse sentido, quero dizer que o CEPA é força, fortalece-com, cultiva suas raízes no eterno porvir que me leva a presença do devir unido pelo rizoma (Deleuze; Guattari, 1996, 1995).

Com isso, cada docente revela dimensão rizomática. Docente que coordena, ré...faz o território no intenso **devir-raiz/refazendo**. Com as experiências devir-docente, vou cuidadosamente revelando docentes pelo todo do território na dimensão do devir e rizoma em Deleuze; Guattari, (1995, 1996), não os nomearei por funções ou definições fixas, docentes não estão fixados em delimitações. No interior, habitar o território-com, move campos, campos de sentidos, campos energéticos. **O território é chama, chama para entrar.** Assim sendo, chamarei docentes por dimensão devir em imenso arvoredo.

O encontro no território-lugar CEPA remeteu de modo vibrante (Guattari; Rolnik, 1996), ao estado de boniteza (Freire, 2011), acontecendo no cotidiano pelos detalhes, densidades, sentidos, sensível. Saio de lá carregando turbilhões que movimentam interior. Enquanto pesquisadora no devir-aprendiz pensar o território de pesquisa em tantas possibilidades, é necessário ao meu ver que surja de algum interior. Mesmo com frio na barriga, tomada por diversas sensações, vivenciar dimensões movedoras de sentido territoriais que vão se revelando no corpo é o movente acompanhamento devir-docente.

Nesse fluxo movente (Guattari; Rolnik, 1996), o território-lugar CEPA não é apenas mais um lugar, é um território educacional não formal, Organização não governamental (ONG), está construído em uma região/bairro sob constantes vulnerabilidades sociais e econômicas no Município de Caruaru, interior de

Pernambuco. Atua junto à comunidade, busca acontecer pelo coletivo. Movimentos educacionais se voltam às potências das vidas na educação envoltos por diversas densidades sociais, ancorando-se na educação popular (Freire; Nogueira, 1993) pelas forças e realidades do próprio território e seus entornos.

Território-lugar em confiança no devir (Deleuze; Guattari, 1995, 1997), se debruça a partir das possibilidades apresentadas, acontece pelas vias possíveis distante de modelo, fórmulas de educação. É território expansivo, criador de atos educacionais unido ao educar pelo devir-docente formativo, reflexivo e afetivo. Encontro em Tabosa (2020, p. 133) compreensões: “O CEPA tem como um de seus principais objetivos articular pessoas e grupos na defesa de seus direitos, na busca de transformar realidades injustas. Esse objetivo se concretizando a partir do caminhar junto, da reflexão e ação conjuntas...”. Apresentam, constroem atos educacionais atualmente a partir de oficinas de dança, capoeira, teatro, informática, educação infantil. Acompanha crianças, adolescentes e suas famílias por movimentos em comunidade nascendo justamente a partir disso. Nasce no interior, na terra do interior, requer ser cultivado, habitado, vivo, movente, e é. Faz-se pelo rizoma territorial!

O território-lugar pôde dar passos por volta dos anos de 1996 onde foi legitimado juridicamente em 2003, a criação foi a partir das irmãzinhas da Assunção vinculadas a igreja católica. Pela carência e escassez ao que se refere às políticas públicas: “[...] foi se constituindo a partir da escuta das necessidades do bairro, por meio de passos dados de maneira conjunta e articulada” (Tabosa, 2020, p. 133). Nesse horizonte, apresenta recortes econômicos, de raça, gênero, ou seja, camadas sociais em vulnerabilidades. Enfrentam desafios em várias esferas cotidianamente. Desse modo, os atos educacionais vão acontecendo a partir de investimentos, parcerias, voluntariado. Para tanto, recebem investimentos financeiros, sobretudo, de fora do Brasil, estão, portanto, em constante movimento, se re...constituindo numa atuação conjunta com e na comunidade.

Na refazenda do dia a dia, vão pensando e agindo pela atuação social educativa com implicações voltadas à emancipação, transformação social e

humana em todas andanças no interior. Enquanto espaço educativo “[...] foca suas atividades na educação básica, na arte-educação e na formação cidadã, tendo em vista a consciência crítica dos seus sujeitos” (Tabosa, 2020, p. 120). O ato e a atitude de educar, ou melhor, os atos educacionais, voltam-se à perspectiva de uma educação com protagonismos, aqui faço referência pelas compreensões de Bell Hooks (2013) e Paulo Freire (2011), pensam na educação movente, mutante, metamorfoseante, revisitada no cotidiano, com os atos e atitudes de educar pela educação do sensível (Pillotto, 2007), com a partilha do sensível (Rancière, 2009), junto ao aprendensinar (Lomba, 2020).

Nesse horizonte, estão no movimento contínuo e pulsante de criação e aproximação nos encontros-com. Assim, além das oficinas, atos de educar no cuidado-com (Barreto, 2017) acontecem pela atuação pedagógica, psicológica, jurídica, assistência social... Atos que vão despertando novas roupagens no devir-docente. No encontro pude observar, sentir o território-lugar pela boniteza (Freire, 2011). Lá, ao meu ver, “pintam o sete”, vão experienciando inéditos, afinal, são potências em expansividades, autênticas, corajosas. Nas andanças com **docente refazendo/devir-raiz**, me deparo com existência e arte (Pompéia; Sapienza, 2013) no acontecimento de uma das oficinas em que vou acompanhando debruçamentos pelas potencialidades, enaltecimento de autonomias dos que habitam o território-lugar, dito de outro modo, docentes em busca de educar por atos de uma educação das realidades, movidas e moventes no interior de quem habita.

Antes mesmo de adentrar nos estudos fui compreendendo que pensar numa pesquisa-refazenda é se lançar, re...encontrar campo de força pelas experiências na vida real dos territórios, por detalhes vivos que estão distintos e resultados não se aplicam, com isso, “[...] O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os "territorializa". O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos’ (Deleuze; Guattari, 1997, p. 105). Aquilo que nos toca, nos encontra antes mesmo de mapear lugares, no meio, início ou no fim são refazendas territoriais, estas não se mapeiam, habitam. Sendo assim, no mesmo sentido.

Habitare um território existencial, diferente da aplicação da teoria ou da execução de um planejamento metodológico prescritivo, é acolher e ser acolhido na diferença que se expressa entre os termos da relação: sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado, eu e mundo. A cartografia

introduz o pesquisador numa rotina singular em que não se separa teoria e prática, espaços de reflexão e de ação. Conhecer, agir e habitar um território não são mais experiências distantes umas das outras (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 148-149).

Ao (des)caminhar-com no território-lugar, (des)encontro potência desveladora nas palavras de Souza (2024, p. 134), “[...] o território é o que pulsa, o que vibra, que transborda aos nossos olhos, porque é também invisível, é o dito e o não dito, aquilo que ultrapassa...”. Ao habitar o território-lugar há afetação do próprio corpo (Rolnik, 2011) até os próprios campos de forças que podem nos atravessar, eclodir nos percursos, habitar território pela “[...] experiência de engajamento... Experiência que só se dá à medida que se realiza, sem pré-condições” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 147). É, portanto, permitir-se ir sem a priori. Afinal, como prever experiências pelo o que estar ao porvir?

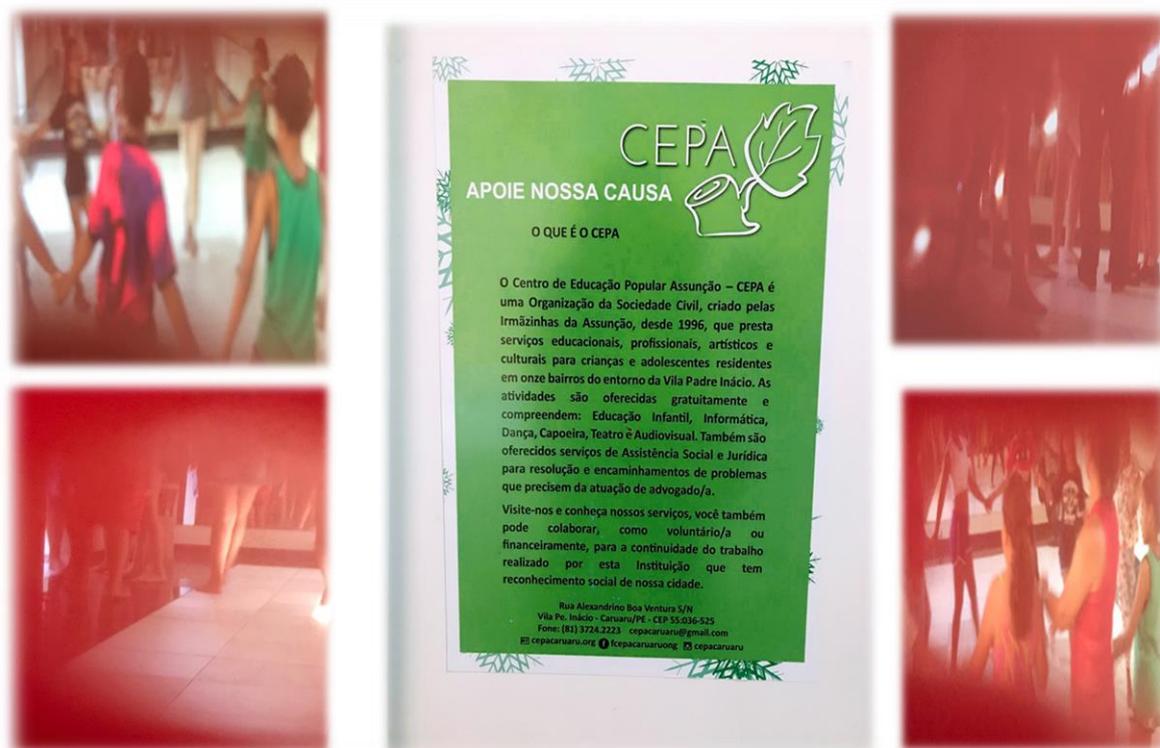
Na frequência pulsante das experiências (Larrosa, 2015) ao (des)caminhar-com no território-lugar, há movimentos com os pés descalços e no chão, corpos lançados com tremores, pulsação, vibrações em conjunto. Em toda refazenda, foi sendo necessário encarar o medo de errar nos encontros-com, deixando-se ser conduzida pelos devires no território. Ainda assim, inquieta pelo o que está fora, nos caminhos: como apresentar experiências devir-docente ao *outro* que não teve con-tato com o território-lugar?

Derivo!

Por mais que busque palavras, sempre ultrapassa. Colocar arrepios, sensações vivenciadas em linhas, em páginas? “Algumas coisas não cabem em palavras e a gente tem que lidar com isso” (Dias, 2021, p. 5). Talvez, um dos equívocos nas exigências seja pensar numa pesquisa em algum lugar, pesquisar e ir para a “faculdade” com as emoções presas demonstrar e apresentar os chamados resultados.

Torno infinitas minhas inquietações!

No (des)caminhar-com “rachando as coisas, as palavras” (Deleuze, 1992). Quem sabe, rachando caminhos na refazenda no interior território-lugar: “[...] ao devir-expressivo do ritmo...” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 115) mesmo sentindo que talvez, aqui, tenha faltado algo, alguma palavra, porém, a falta é movedora, é refazenda, é cartografia, é (des)encontrar o território-lugar na refazenda toda com.



### 2.3 “Refazenda toda”: (des)caminhar-com docentes

O território-lugar CEPA não acontece sozinho é refazenda toda com. Acontece com educandos, comunidades, docentes, famílias. Há no território-lugar tessitura compreensiva de que todas as pessoas do seu quadro profissional, diria do seu quadro artístico, pois, re...constroem suas artes-territoriais, “Podemos chamar de Arte esse devir [...] O território seria o efeito da arte” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 107), são educadores. Aqui, a compreensão docente no território-lugar está atribuída por educadores. Devires no território-lugar relacionam-se de modo vigoroso e potente para além de definições e/ou termos, nomenclaturas. Assim, no encontro/visita entre uma apresentação e outra no (des)caminhar-com **docente refazendo/devir-raiz** pelo território, ouço:

**“Todos aqui são educadores”**

Tomada por arrepios na refazenda do corpo todo, desafios. O que fazer diante das possibilidades do (des)caminhar-com uma vez que não conseguimos acompanhar todo o quadro artístico do território, ou seja, docentes? Aprendi que

docentes do território-lugar CEPA são existências fundamentais. Desse modo, sem forjar a experiência (Larrosa, 2015), sem prever pela fissura entre os saberes, estive atenta ao poderia apresentar-se pelo inusitado sem técnicas engatilhadas. Bem desafiante, não há livro, nem garapa que dê jeito!

Habitando o território-lugar por passagens, vias, linhas do fora, desmoronamentos, pontos de rupturas, abismos, me refiro aos vastos acontecimentos dos estudos que uma pesquisa-refazenda apresenta ao mesmo tempo no experienciar, viver e sentir ao (des)caminhar-com. O território-lugar foi nos aproximando, conectando de modo espontâneo e vibrante com **docente refazendo/devir-raiz**, pessoa que possibilitou gentilmente (des)encontrar o território na pesquisa-refazenda, **docentes da educação infantil, docente da oficina de capoeira, docente da oficina de dança, docente da oficina de teatro**. Na refazenda devir-docente pela dimensão do rizoma (Deleuze; Guattari, 1995), o rizoma não está para o definível, nem devir-docente. A partir das compreensões dos autores, ousou assumir ao rizoma, que, este pode remeter-se a arborização, rizoma **árvore** movente em ramificações entrelaçadas **com raiz, folhas, galhos, caule, tronco**, fortificada na **terra** fértil e regada pelas **águas**.

Território-lugar com cada docente no rizoma em devir na possibilidade de ir se fazendo presença pelo vívido, mutante e vivido. Falo das dimensões que se conectam ou não, refazendo um todo, ramificações ao complemento quando solicita. Não é isto que falo, daqui a pouco pode ter passado ao (des)prendimento, ao vazio que requer re...direcionamento mesmo continuando vazio, é necessário refazenda. O que gostaria de dizer de outro modo, encontro nas palavras de Deleuze e Guattari, “[...] rizoma não cessaria de conectar...” (1995, p. 14). Nessa viagem rizoma, o território-lugar entrelaça dimensões no próprio rizoma, talvez sendo o rizoma em convocações no devir de cada docente, território-lugar e seus vastos devires na refazenda que vive.

Docentes do território-lugar revelam-se em arvoredo, nas experiências cada devir rizomando no (des)caminhar-com **docente da capoeira no devir-terra, docente da dança no devir-folhas, docente de teatro no devir-galhos, docente da educação infantil no devir-árvore, docente da educação infantil no devir-caule, docente refazendo no devir-raiz, educandes no devir-tronco e famílias no devir-água**.

Ao (des)caminhar-com **docente da capoeira** no **devir-terra**, reparando o habitar no território-lugar, faz-se presença de modo profundo há uns tantos anos quando o território-lugar se apresentava pela terra, suas mãos ajudaram no preparo, fazendo massa, carregando tijolos, construindo o CEPA... Nas conversações, com-partilha de modo profundo e com emoção, afecções atribuídas ao território-lugar, o habitar vai além, é como sua própria morada no movimento contínuo de educação na vida real, nos encontros-com entregue e regado de uma brilhante admiração e vivência pelo popular, na educação junto aos contextos do território e seus arredores.

Ao pisar no território, presença sempre recebida com muita euforia, afecções e assim ia retribuindo na mesma frequência com intensidades. Assim, sua vida vai sendo entrelaçada com devir-docente. Ao ensinar aprendendo, convida! Sempre convidando aos movimentos da capoeira na sala, na praça, pela comunidade... Sem hesitação para aprender, afinal compreende que é movimento fundamental não somente na construção da terra do território, mas na construção de si. Com-partilha sua identificação com a capoeira regional que é nomeada de Capoeira Quilombo Caruaru e do estar sendo docente em vários espaços na educação formal pública e privada. Pontua uma das questões que lhe entristece enquanto docente, ou melhor, na sua compreensão: **“educador e não professor”**, pois **docente capoeira/devir-terra** con-firma que são **“coisas diferentes, “ser educador exige muito mais coisas não é só ensinar”**, está relacionada ao momento em que **educandes/devir-tronco** completam 18 anos (idade do habitar no território-lugar), mas com muito entusiasmo busca inseri-los em outros territórios de capoeira. Assim, revela sua felicidade e satisfação ao acompanhar **educandes/devir-tronco** do território-lugar tornando-se também na compreensão docente: **educadores na capoeira**, vai revelando sentidos no seu envolvimento com o educar:

**‘Eu faço isso tão natural, aí uma vez eu trouxe eles pra cá (faz referência à praça) e tirei umas fotos e botei no grupo, alguns responderam, nossa “devir-terra” que incrível, que isso, que aquilo’**

Sorri e me diz: **“aí eu pensei” “que besteira”**

Enquanto devir-aprendiz pesquisadora entusiasmada/aspirante com o educar, com-partilho um pensamento de que seu modo de ver como natural pode ser por estar e sentir-se do/no popular e nem todos conseguem mergulhar ou estar nessa vivência. Re...fletindo, continuamos trocando ideias nesse encontro enquanto observávamos educandes/devir-tronco nos movimentos da capoeira na praça, mas antes de tudo isso, ao chegar na praça, **docente capoeira/devir-terra** vai unindo-se com **educandes/devir-tronco** e, entre euforia, agitação... con-versa:

**“Vamos ver se tem pedras no chão, vamos tirar as pedrinhas, quando estiverem em algum lugar, é importante que observem o espaço, se tem pedra... pra que você e nem o coleguinha se machuque”**

Devir pelo cuidado-com (Barreto, 2017) enquanto dimensão do educar. Pelas expressões ouvidas nos encontros, vou falar por uma delas, acompanhar **docente da capoeira/devir-terra** e os encontros capoeira, “muito massa!”, dito de outro modo, a terra rizoma o território-lugar, nesse rizoma **educandes** pelo **devir-tronco** e **famílias** pelo **devir-água** são devires que re...compõem as docências, revelam e movimentam experiências, devires na refazenda toda no aprendensinar (Lomba, 2020), existências territoriais enquanto movimento essencial, afinal, o território-lugar estaria? Devires ventilam novos ares, teoria/prática numa potente relação e suavidade do saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009).

Pelo território-lugar, **devir-raiz/docente refazendo-com** engajamento nos movimentos mais burocráticos do dia a dia. Atua refazendo atos e atitudes do educar a partir dos incentivos. A escrita no movimento 2.2 é partilhada pelos aprendizados com docentes, sobretudo, **docente refazendo/devir-raiz**. Nossos encontros entre correrias, nos cabia afecções, trocas, em como estava sendo nossa pesquisa-refazenda, como estava sendo a experiência de estar no CEPA, apresentando disponibilidade para precisar e lhe solicitar. Possibilitou ter o primeiro con-tato com o território-lugar, já pelas suas mensagens, recebia-me com muita disponibilidade mesmo diante dos seus infinitos afazeres solicitados/demandados pelo território. Nos encontros-com, partilhava sua satisfação em poder receber pessoas interessadas no CEPA, em fazer parte,

contribuir, o seu orgulho em estar junto ao território-lugar CEPA. Eu era sempre convidada para entrar, conhecer, aprender, habitar: **“Você agora faz parte do CEPA, venha sempre que puder, o CEPA precisa...”**. Docente **refazendo/devir-raiz**, entrelaçou-me pelo devir-aprendiz pesquisadora ao território-lugar.

Enraizamo-nos!

Enraizada fui acompanhando cada vez mais os devires, pela aproximação com docente da dança no rizoma pelo **devir-folhas**. Vou aprendendo a importância da cultura popular enquanto ato e atitude de educar. Vivencia a educação não somente no território-lugar, mas também em espaços de uma educação formal, mergulha sua docência na cultura popular. Aprendo-com na montagem de coreografias na construção coletiva, nos movimentos, ritmos do dançar e o seu propósito. A importância da arte como viés de transformação, a educação e a arte como movimento do educar pela conscientização, pela corporeidade, nas palavras **docente da dança/devir-folhas** o **“trabalho de cultura com resistência negra”**. Por outros olhares, olhares com docente da dança/devir-folhas, a dança movida pela cultura local e regional, compõe o educar no devir-docente junto ao propósito do CEPA que entrelaçam-se com a cultura local e regional pela dimensão reflexiva. Nas conversações, com-partilha por uma voz potente e ao mesmo tempo com olhares atentos aos fenômenos que estão acontecendo no encontro-com: **“qual é o sentido?”**, se refere aos atos no estar sendo docente pela dança, o sentido do dançar, o intuito dos encontros-com, aqui, a implicação do educar no território-lugar pela dimensão do aprendensinar (Lomba, 2020). Movimentos reflexivos ao (des)caminhar-com **docente da dança/devir folhas**, apresenta devir-docente com engajamento, construção de sentidos e abertura para ir refazendo os atos e atitudes de educar, movimentos dançando e re...vendo a dança docente.

Nas intensidades do encontro-com **docente da dança/devir-folhas** noto uma borboleta amarela movimentando-se rapidamente na sala, talvez revelando a sua dança, aprendo que não é somente entrar numa sala e dançar. Assim, fico atenta ao que mais poderia aparecer e aprender. Seu estar sendo docente no território-lugar possibilita educar com profundidade, a identificação e o sentir-se no território é impulsionador para o re...criar outros modos, jeitos de fazer a

educação dançar. As folhas nesse rizoma se balançam, podendo também estar numa dança. O movimento nos encontros com **docente da dança/devir-folhas** me balançou, afinal, as folhas ventilam por muitos movimentos em mutação, na refazenda com docente devir-folhas se dança.

Em movimento pelo território-lugar entre um encontro e outros vou no enlace com docentes na educação infantil, pelo rizoma e devir que se apresenta, **docente devir-caule** e **docente devir-árvore**. Ao me aproximar para entrar na sala e ir até docente devir-caule, correrias, agitação com abraços, con-versas, apresentações, curiosidades de **educandes/devir-tronco**. Con-sigo chegar repleta de afecções onde estava docente devir-caule. Em conversação enquanto vai observando cada educande, vai destacando afecções, propósitos no educar a partir da compreensão do: **“Fazer a diferença”**. Destaca, sobretudo, a identificação com a educação no CEPA, compreendendo que no espaço formal e/ou em espaços educacionais outros acontece diferente, levando ao sentimento de gratificação ao fazer parte do território-lugar, com-partilha com afinco: **“Me identifico muito com a educação popular”**. O fazer a diferença na sua compreensão, possibilita não somente pensar, mas colocar em prática outros olhares na educação. Enquanto está com-partilhando horizontes do devir-docente, percebo que um dos **educandes/devir-tronco** encheu a pia com água por não conseguir fechar a torneira, vou até lá enquanto estou ouvindo vozes da sua docência implicada, sensível. Rimos com a situação da pia! E, fomos compreendendo, sentindo que esses acontecimentos também vão re...fazendo movimentos, no devir-docente é fundamental transbordar.

Re...lembrando o primeiro encontro no território, a oficina que acontecia no dia foi com **docente de teatro**. Nesse rizoma **devir-galhos**, despertou-me atenção, pois vi arte e educação movimentando atos de educar. Ao re...tornar, vou acompanhando seu engajamento no estar sendo docente, inclusive, destaca o seu intuito docente no CEPA que se dá pela valorização da: **“Nossa cultura popular”**.

Vou aprendendo com **docente de teatro/devir-galhos** o estar disponível no educar onde lhes possibilita aprender muito com **educandes/devir-tronco**. Os encontros pelo campo afetivo, movimentam atos de “como foi o dia”, “o que fizeram no final de semana...”, escuta de como foi para cada um a vivência do

encontro que faz todo diferencial na sua prática. No devir-docente vai pensando na participação con-junta, no olhar, nos sentimentos, sensações, sobretudo, a percepção de si e do *outro* pelo sensível (Pillotto, 2007), (Rancière, 2009), nesse sentido, a dimensão do sensível entrelaçada nos atos e atitudes do educar. Assim, pela sintonia, conexões, vai no re...fazendo em busca de sair do comum, afinal, na sua compreensão o educar requer olhares além. Acompanha atentamente os corpos no território-lugar, vejo corpos cartográficos expansivos. Ao estar nos encontros-com **docente de teatro/devir-galhos**, ajustes, cenas, expressões, liberdade no processo criativo. Pude acompanhar o andar na perna de pau e aprender os aspectos que envolvem esse ato. Assim, aprendi que não é somente colocar a perna de pau e tentar andar, muito pelo contrário, segundo docente de teatro/devir-galhos, envolve aspectos psicológicos, autoestima, autoconfiança, muitas coisas, assim como a educação. Nas trocas conversamos acerca do inédito em cada encontro:

**“Aqui também flui, mas com fluxos diferentes”.**



Os fluxos diferentes me levam ao **devir-árvore** que acontece ao lado da sala docente da educação infantil **devir-caule**. Vou sendo recebida com tranquilidade em meio à euforia e energias calorosas de **educandes/devir-tronco**. **Docente na educação infantil/devir-árvore** com-partilha seus processos identitários de estar no território-lugar, sobretudo, pela educação popular que tem movimentos para além de um espaço educativo formal, embora

esteja atuando na educação básica/formativa. Assim, vai pensando em novos jeitos por compreender a diferença entre a escola em si. Dito isto, nos encontros o campo afetivo se faz presente em sua:

### **“Satisfação pessoal e profissional em fazer parte do CEPA”**

Vai pensando também com **docente da educação infantil/devir-caule** a importância de devires em diálogo com **famílias/devir-água**. Aqui, compreendo que a água é essencial para o movimento vital da árvore, sobretudo do território-lugar. Inclusive, por coincidência ou não, pude acompanhar um dos encontros-com em que estiveram estudando a árvore. Rizoma no território-lugar necessita de todos esses devires, os encontros com cada devir, inédito e único no cotidiano. A abertura, a disponibilidade, a generosidade e escuta atenta em meio aos vastos fenômenos acontecendo. Devir-docente pelo acolhimento, pela disponibilidade em ir apresentando, revelando e com-partilhando seus pensamentos, jeitos, trajetórias, propósitos docentes.

Rede no educar com envolvimento nas matérias da educação e da vida real, principalmente da vida real, pensando na re...criação de atos e atitudes do educar, o educar pelas realidades densas e vivas do território: “Aprendendo e conversando juntos, rompemos com a noção de que a experiência de adquirir conhecimento é particular, individualista e competitiva. Ao escolher e nutrir o diálogo, nós nos envolvemos mutuamente em uma parceria na aprendizagem” (Hooks, 2020, p. 70). São intensos no educar, cada docente trazia seus encantamentos e me encantava. Não havia encontrado tanta potência educacional, pulsão no educar em um só território, território que re...ver cada ato, cada atitude. E, algumas vezes partilhávamos:

### **“Que energia é essa que tem aqui?”**

Intensidades devir-docente encontrando-se no território-lugar... Com ensinamentos fervorosos, ideias do educar na praça, passeios. Pelo entorno, na sala, no pátio, no palco... no meio, início ou no fim de cada encontro... Boniteza (Freire, 2011), acompanhar devires-docente, a liberdade de (des)caminhar-com me fazia circular com fervor, corpo quase saltitante, queria ter o super poder de ao menos fazer alguém sentir por alguns instantes os tantos que aprendi e senti.

Docentes em devires no território-lugar CEPA, estado de poesia!

Serenos, calorosos, populares... às vezes confundia o que era prática o que era teoria, unem-se a todo instante: “Quando criamos um mundo em que há união entre teoria e prática, conseguimos nos engajar livremente com as ideias” (Hooks, 2020, p. 241). Docentes com olhos brilhantes, sorrisos largos, risos frouxos, abraços apertados na refazenda toda no território-lugar.



Aprendendo e ensinando (des)caminhar-com mais de uma vez!

### 3 “...REFAZENDO, TUDO, É... ANDANDO DE RÉ...”: (DES)CAMINHADA PELAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

Aqui, ré...tomo a partir de Drummond: “no meio do caminho tinha uma pedra”, tinha umas pedras, precisei ir intercalando com paradas. As pedras revelam processos mais técnicos exigidos nas pesquisas de modo geral, me refiro aos alguns formatos, alguns entendimentos são necessários ser acessado por caminhos. Momentos nebulosos para considerar estado da arte. Penso: estado da arte?

Necessário compreender a importância e relevância desses momentos no estudo. Com isso, passei por escritas que poderiam adentrar intensamente ao devir-docente no território-lugar. Sem pressa para não tropeçar nas pedras no meio, fim, início, aliás, até tropeçar, pois “toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar”<sup>7</sup>. Tropeçando, aprendi que o estado da arte diz respeito às buscas pelas pesquisas/estudos que possam contribuir ou não ao assunto da pesquisa. Nesse trajeto, tornou-se necessário adentrar em plataformas onde estão os estudos já realizados. Assim, por estudos dos últimos 5 (cinco) anos e também estudos dos últimos 12 (doze) anos, pelos movimentos, ou seja, as chamadas palavras-chave: ‘Devir’, ‘Devir Docente’, ‘Docência’, ‘Narrativas’, ‘Docente’, ‘Cartografia’.

Ré...visitando com frequência produções de pós-graduação *stricto sensu* nas pesquisas no Brasil, a fim de aprofundar em estudos por diálogos nos caminhos e/ou (des)caminhos desta pesquisa-refazenda. Percorrendo pelo Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e pela Plataforma Attena - Repositório Digital da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), imergi nos detalhes. Ao perceber densidades em muitos momentos, admito o querer saber sobre (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009) mas, me dei conta que não fazia nenhum sentido, afinal, estaria mantendo caminhos, forjando assim, um estudo ético (Freire, 2011) cuidadoso. Portanto, fui compreendendo densidades enquanto movimento revelador na refazenda toda e no (des)caminhar,

---

<sup>7</sup> Trecho da canção “Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar”, composta por Siba e a fuloresta, 2007.

caminhar... afinal, é movimento de cartografar (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), refazendo.

Atentando aos estudos que poderiam revelar enlace nas tessituras compreensivas, diálogos, logo, vejo mais desafios. Porém, caberia re...lembrar que “um tropeço pode ser um passo”<sup>8</sup>. Em longos trajetos, enfados ao me deparar apenas em caminhos, ou melhor, estudos com aproximação e distância considerável. Percebi nesse movimento que a distância diante da temática de estudo se sobressaiu, portanto a aproximação não traria possibilidade de (des)caminhar no devir por horizontes desviantes, desveladores embora apresentassem na aproximação movimento, ou melhor, palavras-chaves próximas.

Observando um número expressivo de trabalhos sem entrelaçamentos e com isso a impossibilidade de apresentá-los aqui pelo seu elevado número. Percebo também entraves nessa trajetória, estudos indisponíveis, impossibilitando o acesso na íntegra, ou seja, as pesquisas inteiras. Nessas descobertas re...fazendo, recorro ao re...finamento, cruzamento pelas palavras-chave soltas a fim de observar o que poderia se apresentar. Novo trajeto por cruzamento de palavras onde diálogo com uso de aspas e sem o uso de aspas, assim, noto ausências de estudos. O movimento de re...finamento foi necessário para encontrar “*alguma outra coisa*” (Didi-Huberman, 2017, p. 241), algum estudo que possibilite (des)caminhos nessa ré...

Pelo ré...finamento também vislumbrando estudos voltados à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) por considerar importante/relevante pesquisas na região pela qual o estudo está acontecendo. Ao buscar de modo mais geral sem muito re...finamento, noto ausência considerável de pesquisas voltadas a nossa região Nordeste, portanto, uma forte tendência de pesquisas em outras regiões.

Ao ré...caminhar com algumas dificuldades devido à instabilidade da plataforma a fim de descobertas não somente no território da educação algo vai se apresentando pelos (des)caminhos, encontro o estudo/tese em Psicologia, intitulada “Cartografia luminosa de um território em trânsito” de autoria de Maria da Conceição Hatem de Souza de 2011, da Pontifícia Universidade Católica de

---

<sup>8</sup> Trecho da canção “Do avesso”, Almério, 2017.

São Paulo (PUC-SP). Esta pesquisa vai revelando palavras-chave ao que vou chamar de movimentos: luz, fotografia, instante, poética, aguçando o movimento de estar na pesquisa-refazenda por desvelamentos outros, nos territórios dos sentidos. O estudo cartográfico em Souza, foi sendo conduzido com Rolnik, uma das autoras que passeamos na ré...construção de tessituras compreensivas.

Nos percursos encontro o estudo/dissertação, “(Des)caminhos de um devir-professora” de autoria de Lidiane Martins de Oliveira, de 2018, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Apresenta devir poético/filosófico/reflexivo numa cartografia, rompendo com escritas mais diretivas e/ou tradicionais. Ancorando-se por movimentos: formação de professores, hecceidades e cartografia. Trazendo a possibilidade do próprio (des)caminho no horizonte devir-docente, inspiração na pesquisa-refazenda.

Nada sequenciado, nem fácil, buscando algum estudo numa multidão encontro o estudo/tese, “Os devaneios entre o nós e o eu no processo de formação profissional docente: percursos tangíveis”, autoria de André Afonso Vilela, 2022, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Rio Claro- SP). Apresenta movimentos/palavras-chave. Devaneios/Metamorfose/Formação Profissional Docente/Percursos Tangíveis, encaminhando-se às próprias narrativas, apresentando estudo (auto)biográfico que revela o envolvimento com a dimensão da experiência, dimensão poética, abertura à reverberações docentes, aguçando ideias.

Em (des)caminho... surpresa ao encontrar o estudo/dissertação “Linha, corpo, tempo. Gestos de uma cartografia têxtil” com autoria de Marina de Aguiar Casali Dias, 2021, do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora. O estudo revela cartografia afetiva, toques sensíveis e imersão na experiência, trazendo inspiração ao que re...pensar o revelar das narrativas devir-docente do território-lugar.

Observando amplos resultados distantes no Catálogo Capes, faço uma passagem nada breve pela Plataforma Attena - Repositório Digital da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a fim de observar novas

inspirações, foi necessário passear por um novo cruzamento de palavras com aspas e sem aspas.

Encontro o estudo/tese, “P de professor/a” a docência configurando as vidas de professores/as e a potência das vidas esculpindo docências, de autoria de Maria do Rosário Azevedo da Silva, 2022, do Programa de Pós-Graduação em educação da UFPE. O encontro com este estudo revelando movimentos: Docência/Vida/Afetos/Formação Docente/Memória. Assim, um despertar ao pensar o (des)caminhar-com no território-lugar. A autora envereda o estudo por compreensões teóricas buscando romper o tradicional, as formas mais técnicas do pesquisar, apresentando implicações entrelaçadas, teoria/prática, possibilitando imergir ré...criando novas rotas na experiência-com.

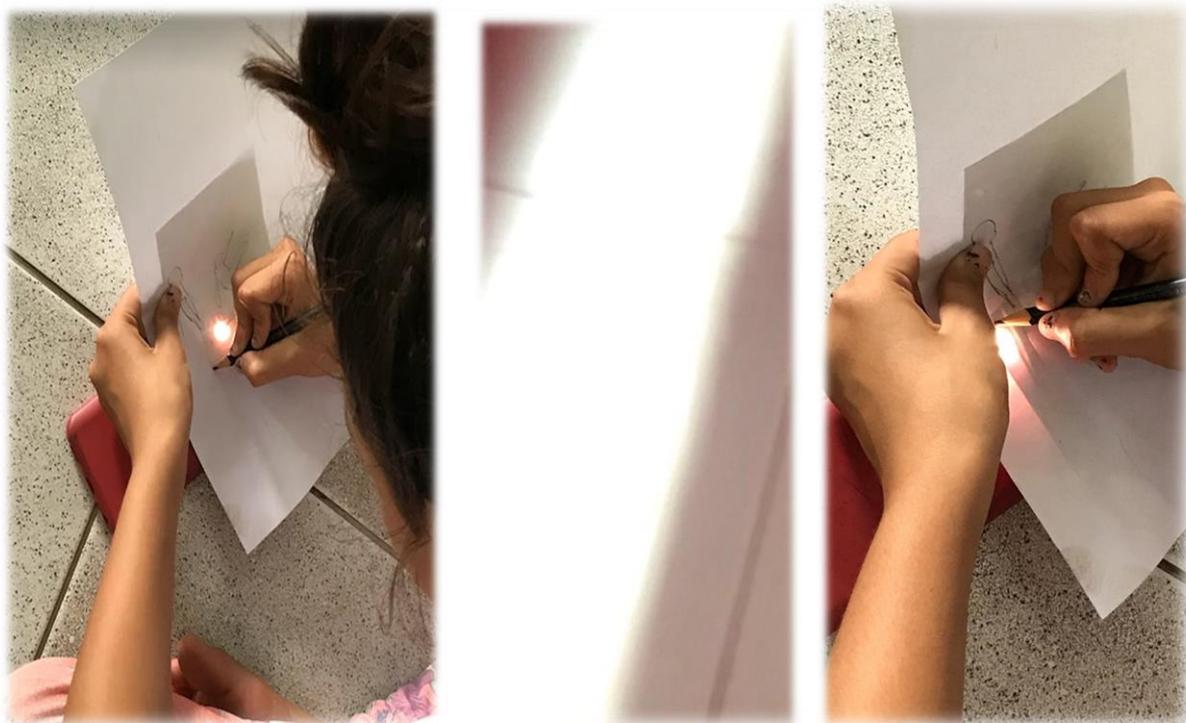
Em novas rotas vejo outras paisagens, a dissertação: “CEPA: um rosto e processos próprios de tradução da educação popular em Caruaru-PE”, com autoria de Clemilton Fernando Barbosa Tabosa, 2020 do Programa de Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, UFPE, Caruaru. Estudo que aproxima questões, trajetórias, propósitos, tessituras compreensivas aprofundadas ao que concerne o território-lugar, suas nuances e horizontes imersivos ao decorrer de seus acontecimentos. Traz a possibilidade de unir caminhos e/ou (des)caminho no todo do território-lugar tendo enquanto disparadores a educação popular e práticas educativas.

Paradas e retomadas, passando por inúmeras pedras, por anseio em descobertas, necessário continuar em travessia. Em outras passagens, algumas pedras sendo ré... ressignificadas.

Re...tomando após a chamada defesa de dissertação, passeando pelo Repositório Digital da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) vejo a dissertação “Tensões epistêmico-didático-pedagógicas na prática docente Xukuru: relações entre a colonialidade e a decolonialidade”, com autoria de Wyne Nogueira de Souza, 2024, do Programa de Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru. O estudo revela dimensões voltadas aos aspectos educacionais em contexto territorial para além de concepções delimitadas. Revela tensionamentos e diálogos fervorosos acerca da prática docente, abarcando sentidos e afecções nas densidades cotidianas. Nessa perspectiva, aflora movimentos reflexivos sob

uma ótica afetiva e existencial de vidas na educação, contribuindo no (des)caminhar-com docentes do território-lugar. O estudo possibilita ré...pensar e ré...ver aspectos e pensamentos delimitados da educação, busca no dia a dia a valorização da prática docente entrelaçada com o próprio território, tendo a cultura, os contextos históricos e sociais de territórios, ou seja, as realidades enquanto dimensões do ré...fazer a educação. Contudo, as intenções do estudo dialogam com movimentos diários das experiências docentes do território-lugar CEPA.

Nesse movimento denso/desafiador, surpresas em vários sentidos, compreensões/desapontamentos/anseios solicitam várias passagens para ré...ver alguns lugares: “Este caminhar não significa ficar tranquilo, implica em cuidar ativamente do contexto, em estar receptivo, vigiar, ter paciência na espera de algo que está por vir” (Cansi; Requião, 2020, p. 12). O estado da arte é convocação, solicita o ré...fazer, ré...criar com implicação. Este é um dos desafios a quem se propõe pesquisar. Não sei bem o que posso dizer, senti que possibilita encarar caminhos, passear por eles buscando algum olhar além, “andando de ré” em alguns momentos no devir-aprendiz pesquisadora ao



ré...pensar o estudo pelo (des)caminhar-com nas experiências de devir-docente.

#### 4 “REFAZENDO” PARA NÃO SÓ TEORIZAR: ATRAVESSANDO CAMINHOS TEÓRICOS

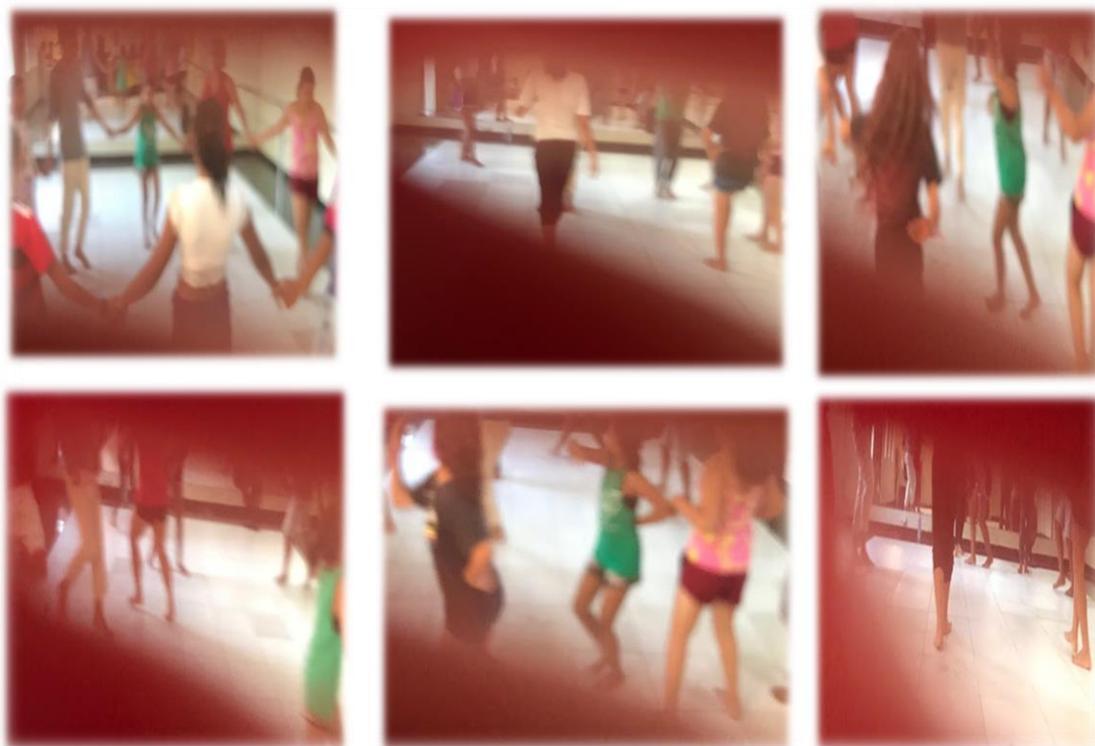
Nessa refazenda passeio nos caminhos por algumas tessituras compreensivas junto aos (des)caminhos-com no território-lugar. Tessituras que envolvem aspectos da educação e docentes no ato e atitude de educar. Percursos fluídos ou não, revelando aberturas e possibilidades ao devir-docente diante de processos maquínicos que atravessam e podem delimitar o educar nos territórios. Pensar o devir numa pesquisa-refazenda por compreensões, reflexões, desentendimentos ou entendimentos, como queiram chamar, possibilita-nos fantasiar, re...pensar vidas na educação.

Sendo assim, busco re...ler o que estou escrevendo, sentindo a escrita ao (des)caminhar-com. Embora aprecie e me identifique com o modo menos tradicional possível de dizer, encarar e sentir as coisas, posso faltar, deslizar na escrita no momento em que é necessário compartilhar ideias que muitas vezes são mais complexas. Mas, não busco intensificar complexidades, nem fixar teorias e conceitos, pois, o território-lugar apresenta outros horizontes. Com isso, encontro em Foucault (2016, p. 49), palavras que não consegui: “Quando começo a escrever um estudo, um livro, qualquer, coisa, não sei realmente aonde isso vai, nem em que vai dar...”. Com essa intenção, con-templo e admiro escritas a partir do que sinto. No entanto, nesta escrita o que posso dizer?

Com-partilho a preocupação diante das minhas compreensões inquietas, em devaneios, melhor dizendo, aquelas ideias “viajadas” e/ou “desajeitadas” que podem soar incompreensíveis. Pelo cuidado-com (Barreto, 2017) junto aos docentes do território-lugar, apresentar uma escrita que possa chegar, atravessar... é fundamental. Que desafio! Assumo os possíveis riscos e vou imersa nas experiências acompanhando devir-docente pelo (des)caminhar-com. Nas palavras de Oliveira (2018, p. 5):

[...] (des)caminhos se fazem justamente em fissura ao caminho traçado, ao caminho descrito, ao caminho desenhado, e seguimos abertas para outros encontros, outros ares, não no sentido de traçar, descrever, cartografar geograficamente um território, reconhecer os obstáculos e determinar os encontros, mas para desvendar uma outra rota... O desejo é somente despertar a vontade, e, às vezes se encher de coragem para mudar o rumo, de voltar, de percorrer outros

caminhos, de viver outros encontros, potência! Desterritorializar quando se acha, reterritorializar quando se chega, um novo caminho, aquele que só desvela caminhando, ou melhor, (des)caminhando.



Em (des)caminhos numa refazenda com docentes com-partilho ideias, pensamentos, horizontes (des)norteadores no devir-docente em Deleuze e Guattari (1995, 1997). Rizoma em Deleuze e Guattari (1995). Saber sobre e saber com, a partir de Paulo Freire (2011), Alvarez e Passos (2009). Experiência (Larrosa, 2015). Boniteza, Docente, Paulo Freire (2011). Ato de educar, Bell Hooks (2013) e Paulo Freire (2011), e, compreensões outras fora de ordem.

(Des)caminhando-com pelo devir, compreendo que este não é fixo, não finda, é complexo conceituar, se isso é possível, afinal é eterno porvir, não pode apenas ser ou estar (Deleuze; Guattari, 1995). O movimento devir convoca devir-docente ao lugar político que envolve e ré...faz os atos e as atitudes de educar nessa constante produção de saber. Nesse movimento, devir-docente ao (des)caminha-com encontra: “[...] devires territoriais, devires sensíveis, devires qualitativos, devires valores...” (Guattari; Rolnik, 1996, p. 273). Devir no território-lugar apresentando-se pela possibilidade de unir e dialogar o educar pela boniteza (Freire, 2011), ao re...criar, re...fazer caminhos por vastas andanças.

Devir por ressonâncias, dito de outro modo, aprofundamento das relações entre docentes, o educar e territórios educacionais. Assim, boniteza passeia por essa compreensão, pois apresenta enquanto dimensão essencial “[...] viabilidade do diálogo” (Freire, 2011, p. 70). Sendo assim, compreendo a perspectiva da boniteza freireana enquanto reveladora da teoria/prática no devir-docente ocupando territórios, modos e sentidos para além de seus muros, das rigorosidades sociais e acadêmicas. Boniteza e o ato de educar tem em comum a dimensão do sensível, em outras palavras, educação do sensível (Pillotto, 2007), (Rancière, 2009), que não significa fragilidade, mas profundidade das vidas em curso, vidas educacionais, aqui, falo das vidas na educação no território-lugar pelas multiplicidades.

As vidas em multiplicidades ao devir-docente engajado/implicado na ampliação de olhares, afloram outros universos. Universos de passagens, travessias das experiências nos itinerários soltos. Falo do (des)caminhar-com diante do que pode ou não acontecer. Assim, devir-docente: “[...] descobre multiplicidades atuantes com as outras...” (Didi-Huberman, 2017, p. 239-240).

Passeando pela compreensão Paulofreireana (1993, 2011, 2018) em diálogo com Bell Hooks (2013, 2020, 2021), há convites e convocações: refletir os processos educacionais. Para tanto, é necessário adentrar em questões mais densas, com isso, saber sobre e saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009). O saber sobre, diz do caminho atrelado ao domínio, mecanismos de poder, produções, agenciamentos. O saber com, revela inquietações diante de domínios, move caminhos delimitados, preestabelecidos, possibilita horizonte reflexivo diante das atitudes, práticas diárias para além do saber fixo. Aqui, é essencial refletir, o que apresenta devir-docente no território-lugar diante do saber?

Em (des)caminho-com re...flito o ato e a atitude de educar por algumas tessituras compreensivas em Bell Hooks (2013) e Paulo Freire (2011), a partir de saberes determinados, destacam relações de superioridade forjadas no sistema educacional, criticam e alertam a forte tendência de afastamentos da construção da autonomia docente nos espaços, nos territórios, ou seja, espaços educacionais voltados diretamente para o saber sobre (Freire, 2011), (Alvarez;

Passos, 2009). Torna-se essencial ré...pensar, o que pode a educação, docente nos territórios educacionais diante das enxurradas de saberes? Em outras palavras, “[...] como habitar este mundo?” (Didi-Huberman, 2017, p. 207). Nas condições pré-formadas de mundo talvez seja um exercício ardiloso pensar o mundo educacional e docentes diante de barreiras e do risco de cair ao nada em meio aos aspectos que percorrem o saber.

Os processos educacionais, sobretudo, o que envolve os saberes não acontecem isolados, há uma série de fatores interligados. Nesse viés, surgem os desafios ao enfrentar e assumir os riscos no intuito de outras coordenadas mesmo que estas também possam ser arriscadas ao (des)caminhar-com nos elementos postos nos caminhos.

Nos caminhos, há o poder enquanto mecanismo esmagador das vidas, vidas na educação. O poder sobre as vidas direciona saberes sujeitados, disciplinamento, manutenção de uma ideologia educacional. As práticas do saber sobre (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009), reforça uma condição de alienação em meio às relações e ações humanas delimitadas. Sempre no caminho, o poder recai sobre as práticas educacionais (Freire, 2018), (Garcia, 2001), sujeito no campo da alienação, tornando-se sujeitado, disciplinado, enclausurado. Ré...fletindo o poder junto ao questionamento foucaultiano (2005, p. 21), “[...] é algo que se possui, que se adquire, que se cede por contrato ou por fora, que se aliena?”, Outras questões pertinentes, o poder caminha por toda a vida humana e seus contextos? E, o que revela o devir-docente no território-lugar?

No meio, no fim, no início do caminho o saber-poder enquanto plano de consistência repleto de conteúdos elaborados, jeito/tempo para: copiar, decorar, reproduzir (Freire, 2018), (Garcia, 2001). Pelos saberes vagos os sujeitos vão adaptando-se nas disciplinas vistas como estruturantes. Penso nas amarras, estas nem sempre acontecem invisíveis e/ou estão disfarçadas, está no processo de naturalização em mais um dia comum de aula. Com isso, o que cabe às docências do território-lugar?

Re...tomando ao saber sobre (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009), na verdade não saímos dele! Esse saber está voltado para a manutenção dos

mecanismos condicionantes, aquilo que é dado ao sujeito. Na compreensão foucaultiana (2005) “sociedade da normalização”, vivemos numa sociedade da normalização, isto é, visa sempre uma norma, comportamentos específicos considerado “normal” impostos pelos caminhos (Garcia, 2001), saber-poder. Nesse contexto, sujeito inserido nos caminhos, em aprisionamentos, estes tendem a acontecer de forma sutil, pela sensação de algo natural e comum, sequer percebem. Aqui, estou referindo aos: ‘[...] gestos repetitivos da cadeia industrial fizeram de seu corpo a presa de uma "correia rítmica", forma sintomática que repete no vazio a forma alienante...’ (Didi-Huberman, 2017, p. 205). Assim, caminhos no saber-poder insere a educação do vazio? Ainda ré...fletindo o poder pela compreensão de Foucault (2005, p. 42):

[...] Essa nova mecânica de poder incide primeiro sobre os corpos e sobre o que eles fazem [...] É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância...”. Ao meu ver, as vidas tendem a ficar cada vez mais fragmentadas, a naturalização de certas práticas, ações, nos leva a condicionamentos, diria, o jeito cotidiano de caminhar.

O saber e o poder reverberam na disciplinarização dos corpos, tornando os sujeitos enclausurados nos aparatos do sistema, nos agenciamentos (Guattari; Rolnik, 1996), levando-os a ocultação e/ou mortificação da dimensão desejante. Sujeitos inseridos numa maquinaria do saber, mas o que fazem quando algo quebra, rompe? Os efeitos não são pensados, as fórmulas são feitas para serem aplicadas. A quebra vai revelando os rostos sociais sem máscaras, porém os sujeitos já estão sem rostos: “[...] Caindo mais no buraco do que no barato” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 69).

A ausência do movimento re...flexivo desemboca em entraves na construção do educar em meio aos mecanismos corriqueiros na educação. Aspectos que contribuem diretamente para a ascensão da educação bancária (Freire, 2018) e do saber sobre (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009). Ambos delimitam tanto o campo educacional quanto vidas na educação, baseando-se em modelos cuja finalidade é a reprodução, repasses e aparelhos de saberes. Nessa direção, sujeitos envolvidos de:

[...] instrumentos efetivos de formação e de acúmulo de saber, são métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de

investigação e de pesquisa, são aparelhos de verificação [...] aparelhos de saber... (Foucault, 2005, p. 40).

A educação sob condições paralisantes, sujeitos postos, continuam nos caminhos, muitas vezes ao menos pensam em tirar as pedras dos sapatos ou cuidar dos próprios calos, vão vivendo como se esses aspectos fizessem parte do existir, ou melhor, parte do caminhar. Adormecidos de si, mas acordados pelas exigências que lhes são atribuídas. A educação que silencia, evoca ruídos mesmo que estes sejam diariamente mascarados/abafados/ignorados, é preciso abafar e seguir nas urgências, tudo é pra ontem. Em todo barulho silencioso, “É assim muitas vezes na escola: pede-se silêncio aos gritos. Na impossibilidade de diálogo, berra-se” (Rasslan, 2019, p. 57). Invisíveis de si, caem em silenciamentos, vão silenciando e/ou permanecendo silenciados por gritos, envoltos de todas disciplinas/matérias ditas/vistas como formas de educar. Nesse contexto, vidas condicionadas no saber-poder, este não desaparece, já atravessou processos constituintes do sujeito, aliás, segue atravessando, pois:

[...] constituiriam o subsolo silencioso da grande mecânica do poder. De fato, as disciplinas têm seu discurso próprio... criadoras de aparelhos de saber, de saberes e de campos múltiplos de conhecimento. Elas são extraordinariamente inventivas na ordem desses aparelhos de formar saber... Portanto as disciplinas vão trazer um discurso que será o da regra...” (Foucault, 2005, p. 45). Onde essas disciplinas nos levam?

Tentativas de concluir aquilo que acontece pelo inacabado, falo da educação e suas matérias de funcionalidade, ou seja, aquilo que supostamente funciona, educação pensada apenas no 2+2. Portanto, planos, projetos, tentativas de tornar territórios sempre no mesmo formato. Importa pontuar que territórios (Deleuze; Guattari, 1997) produz agenciamentos, o mundo é um constante agenciamento.

**Pedras! Caminhos! Amarras!**

Re...pensar os aparelhos de saber-poder. Como imaginar as vidas em educação e o devir-docente no território-lugar diante de todos esses aparatos? É possível caminhar pelo disruptivo, ou melhor, (des)caminhar? São convocações densas. Contudo, (des)caminhar-com docentes aproximando-se dessas convocações pode ser instigante e propício para ré...pensar a educação, os modos de habitá-la em meio aos dispositivos de poder que visa ordenar

territórios educacionais e existenciais. Com isso, vou pensando ao (des)caminhar-com no território-lugar, nas particularidades, nos sonhos, nos sentidos. Como imaginar outro cenário, uma realidade, ou algo surpreendente na educação em uma segunda-feira no saber apressado?

O saber tem pressa, tem que... continuar no caminho... a vida corre, e, e há tropeços, tropeços por imaginar as vidas reais nessa constante disciplinarização. Tropeço nesta escrita ao estar sendo acompanhada por vozes de um território escolar quase ao lado da minha casa algumas vezes ao chegar do território-lugar com experiências outras. Embora os processos da educação estejam pautados na introjeção de conteúdo, regras, devir não favorece condição paralisante está movido ao rizoma (Deleuze; Guattari, 1995), nas entranhas, nas pisadas com afinco nos territórios.

Docentes (Freire, 2011), lançados no sentir/compreender não paralisa em uma condição que lhe oculta, embora os rasguem no cotidiano, encontram-se por (des)costuras. Com-partilham seus momentos vulneráveis, assumem medos, erros, afinal, corpo e existência no mundo sente na pele, ou melhor, permite sentir, sendo presença que integra e entrega-com, atinam às mudanças nas contínuas andanças.



Ao (des)caminhar-com docentes no território-lugar, vou compreendendo-com que devir-docente não está no planejado, muito pelo avesso, ou melhor,

pelo contrário, é como se só ele mesmo pudesse encontrar o que o mundo anseia, falo das dimensões autênticas e dolorosas de si. Docentes atinam às mutações nos territórios educacionais junto aos seus territórios existenciais, em abertura nas sensações reveladas no seu corpo vibrátil (Rolnik, 2011), observam os tons, texturas, as demandas da contemporaneidade. Assim sendo, vão compreendendo que não basta apenas pensar pela demanda do ontem, hoje já pode ser diferente, compreendem necessário conversar com o agora sem deixar de lado as acontecências, aliás não há lados, há rizomas, (Deleuze; Guattari, 1995).

Pelos atos metamorfoseantes que encontro no devir-docente no território-lugar, estes revelam o movimento contínuo do educar com e não sobre (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009). Numa refazenda, devir (Deleuze; Guattari, 1996), virando-os ao avesso, em rasgos, rupturas, aprofundando o cortante das realidades educacionais, o desprendimento de ideias fixas, pelas experiências docentes lançadas nas “novas auroras, atravessando os agoras”. Docentes ao devir no território-lugar, re...encontrando nas experiências o re...montar atos e atitudes de educar. (Des)caminham nos caminhos por envolver-se ao educar na educação do sensível (Pillotto, 2007), (Rancière, 2009), pois, no vasto mundo das ideias: “[...] esse esforço concentrado do pensamento clássico rumo às ideias inteligíveis, nos afastou do mundo sensível...” (Novaes, 1988. p. 15). Nesse ritmo, também permitem-se andar de ré nas densidades, quando necessário.



Docentes (Freire, 2011), no território-lugar, revelam-se por fluxos do (des)caminhar no caminhar... nos seus elementos constitutivos e dão-se conta de que não é nada simples, uma vez que na construção de saberes, pedras foram se mostrando por muros cada vez mais altos, formando barreiras. O que fazer com essas barreiras? Em (des)caminho ao menos inquietar-se, pois o saber é algo que vai muito além. Pelo devir (Deleuze; Guattari, 1995), docentes (Freire, 2011), junto ao território-lugar passeiam por outros lugares, por respostas não prontas, pois, pela ânsia de responder alguma coisa, comumente há tentativas de afastar-se daquilo que causa desconforto, afinal, os aparatos acadêmicos e sociais tendem a caminhar nessas exigências, soluções imediatas, mecanismo recorrente do saber sobre (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009), saber-poder. Nesse contexto, desvelam novos movimentos mesmo nos desconfortos, desafios, pois esses também compõem os fluxos das vidas na educação.

A educação diante da ânsia de dominar saberes, acarretou em “constantes emergências”, caminhos prontos, Pelbart (2000, p. 6), re...lembra que essas condições imediatas: “[...] Aumenta nosso estranhamento com as maneiras emergentes de sentir, de pensar, de fantasiar, de amar, de sonhar, e cada vez mais vemo-nos às voltas com imensos aparelhos de codificação...”. Sendo assim, talvez seja desconfortável ir em busca de mais questões, algo mais simples, ou melhor, comum, pode estar apenas em respostas sobre, passar brevemente pelos caminhos, anestesiando-se em meras ações repetitivas. Mas, fugir da zona de conforto convocando-se na teoria/prática, vislumbrando multiplicidades dos corpos educativos revela movimento devir, em outras palavras, movimento devir-docente no território-lugar que (des)caminha com implicações, e, não apresenta “mais do mesmo”.

Nessa perspectiva, falo de profundidade no devir-docente ao ré...descobrir, ré...criar, romper, mesmo que algumas vezes ou quase sempre seja necessário caminhar de ré. Falo de rompimentos, das “[...] intensidades desterritorializadas — é isto a multiplicidade. Devir-lobo, devir-buraco, é desterritorializar-se segundo linhas distintas emaranhadas” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 44). Devir-

docente no território-lugar (des)territorializa! Ao (des)territorializar-se é capaz de sentir e compreender que:

[...] é preciso entrar na transformação, é preciso entrar no êxtase, na contemplação, na calma, nos sentidos do corpo, no corpo, na poesia, em visões, no espanto, no assombro, no gozo, no inconsciente, na perda, no esvaziamento, no desprendimento, na queda, é preciso tirar os sapatos, é preciso deitarmo-nos no chão, é preciso entrarmos na imaginação, nas histórias, no pensamento, nas palavras, no humor, no pensamento, nas palavras no humor, no pensamento, na relação com os outros (Pelbart, 2000, p. 23).



Aquilo que toca, o sensível enquanto potência docente pode ser algo altamente desafiador em meio aos contextos/caminhos que estão meramente postos, discursos elaborados, (Garcia, 2001), ou melhor, tentativas de invisibilidade das vozes nas práticas educacionais conduzida por autoridades. Docentes (Freire, 2011), no território-lugar fortalecem-se em suas docências por questionamentos nos encontros-com, em convocações de si, inclinam-se para além do “dois mais dois é igual a cinco”. Con-fiam na possibilidade de romper e criar novas compreensões no ato de educar pelo “tudo certo como dois e dois são cinco”<sup>9</sup> e não apenas no “dois mais dois” como única resposta. Dispostos a

<sup>9</sup> Trecho da canção “como dois e dois” de Gal Costa, 1971.

fantasiar, experienciar o inesperado devir (Deleuze; Guattari, 1995), não se prendem ao certo, estão ao devir pelo criativo nos desajustes, nos “(des)”.

Nesse horizonte, há o desejo de educar. Docentes (Freire, 2011), no território-lugar, re...encontram novos pontos luminosos (Souza, 2011) ao aventurar-se nas experiências sem medo de demonstrar o não saber. Re...criam movimentos, unem fantasia e criticidade no cotidiano pelas convocações de devires, lançados ao devir-docente em con-junto. Nesse momento, prefiro passear pelas palavras de Bell Hooks (2013, p. 24):

[...] o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade.

Múltiplas travessias no devir que faz dele o próprio abismo desviante, é este o devir-docente no território-lugar em deslocamento. Com isso, (des)caminhando por outra tessitura compreensiva de Bell Hooks, (2021, p. 43), docentes deslocando-se no devir: “Deslocamento é o contexto perfeito para um pensamento de fluxo livre que nos permite mover além do confinamento restrito de uma ordem social conhecida”. Movente numa refazenda, devir-docente no território-lugar não está pronto, está lançado nos atos e nas atitudes de educar nos contextos, re...fazendo, mudando de posição sempre que for necessário, pois: “[...] Tomar posição é situar-se pelo menos duas vezes, em pelo menos duas frentes que toda posição comporta [...] Tomar posição é desejar” (Didi-Huberman, 2017, p. 15). Passeando por essa compreensão, há a possibilidade também de passear pela não posição. Nesse caso, re...vendo posição nas multiplicidades, em outras palavras, outros modos de educar junto ao aprendensinar (Lomba, 2020), no dia a dia do território-lugar com o beabá: “Eu fui pra escola aprender o beabá A, B, C, C, D, A”<sup>10</sup>.

Docentes (Freire, 2011), no território-lugar passeiam com a educação libertadora em Paulo Freire (2011), educação transformadora em Bell Hooks (2013), com afecções entrelaçadas ao aprendensinar (Lomba, 2020), pela liberdade, diálogo, amorosidade, revelando-se pela escuta, olhares, pensamento

---

<sup>10</sup> Trecho da canção “Fui pra escola” de Lia de Itamaracá, 2000. Artista da cultura popular considerada patrimônio vivo de Pernambuco. Destaco a artista enquanto movimento presente no ato de educar no território-lugar CEPA.

crítico e também pela humildade em aprender a aprender. Envolvem-se com o educar de propósito pelo o que está posto, provocando, arriscando-se ao que é necessário escapar. Arrisco dizer que talvez a luminosidade docente no território-lugar CEPA junto aos atos e atitudes de educar esteja no “[...] educador de, *com* o educando e não *sobre*...” (Freire, 2011, p. 63).

Devir-docente no território-lugar pela dimensão rompante ao assumir seus desejos de educar em meio aos atravessamentos e densidades diárias nos contextos territoriais. Desse modo, compreendo-os sendo refazenda de si nas experiências cotidianas com. Sendo assim, falo das: “[...] relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de nos tornarmos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 55).

Nesse horizonte reflexivo, devir inclinado à docência está nas zonas fronteiriças dos cenários que afloram e acionam modos de vida outros. Devir, não se atrela a nada, rizoma: “Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas...” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21). Nas passagens nos caminhos é preciso atentar-se aos territórios, suas nuances. Ao re...visitar territórios pelo (des)caminhar-com, algo toca, aguça o olhar. Devir-docente passeia por diferentes lugares, afetos, apresentações de vida que aciona e convoca docentes no cotidiano. Assim sendo, cabe ré...lembrar “[...] O devir não produz outra coisa senão ele próprio... O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 14-15). Na contemplação do todo em (des)caminhos, docentes (Freire, 2011), descubrem novas rotas, ritmos, passos, respiros, afagos, emaranhados, (des)entendimentos nos percursos da vida docente.

No território-lugar ao re...pensar a educação no devir: “[...] descobre multiplicidades atuantes com as outras...” (Didi-Huberman, 2017, p. 239-240). Atuantes com as outras ao sentir o território por ressonâncias afetivas (Rolnik, 2011) em cada encontro-com. Docentes no devir, enquanto possíveis agentes de e em transformação, em acontecimento. Com isso, há passagens vagarosas nas experiências docentes, na tessitura compreensiva de Pompéia e Sapienza (2013, p. 56), esta, “não é para ser feita na pressa. [...] A pressa distorce a passagem. Em nosso tempo, a pressa está presente em quase tudo. Achamos

que eficiente é o apressado”. Nesse horizonte, apreciam o remansado na refazenda dos atos e atitudes de educar. Dito isto, ao apreciar experiências no devir-docente no território-lugar em meio à toda pressa dos caminhos postos pode ser, as experiências no devir pode ser:

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2015, p. 25).

Aquilo que toca nas experiências devir-docente, revela o estar lançado numa imensidão com as vidas reais, pela bonita ousadia de apropriar-se de si-com, despertando reflexos que impulsionam outras tonalidades, vibrações no educar com toda vividez. Assim, em concordância com Paulo Freire, “A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo...” (2011, p. 49). Nesse sentido, a experiência nada mais é que ela mesma, é pela experiência que a vida vai acontecendo, parece até uma compreensão simples, mas as vidas junto às experiências reais do território-lugar não estão apenas para serem compreendidas, há de serem vividas.

Importa destacar que entre o saber sobre e o saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009), existe a experiência e nela está o sujeito da experiência, ou seja, docente em constante convocação do fora: “[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos...” (Larrosa, 2015, p. 25). Lançado na experiência com as realidades, docentes no território-lugar, não são dominantes do suposto saber, saber-poder, estão no encontro-con-junto ao educar pelo movimento do sentir, do viver, pelo reconhecimento do não saber.

O não saber por fluxos devir (Deleuze; Guattari, 1995), movimentada descobertas educacionais libertadoras, “Para saber é preciso saber o que se quer; porém é preciso, também saber onde situa nosso não saber” (Didi-

Huberman, 2017, p. 14). (Des)compassos sacodem, para não sacudir os caminhos tendem a serem pensados por sequências, início, meio e fim, mas experiências com afecções é capaz de romper condições sequenciadas. Nessa perspectiva, falo de docentes no território-lugar implicados em aprender-com, ou melhor, no aprendensinar (Lomba, 2020).

Em meio aos saberes sempre atrelado ao poder, o não saber assusta, afinal há uma busca incessante pelo domínio de algo, de respostas... Estas são as desmontagens de si na experiência “que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar...” (Larrosa, 2015, p. 10). Com isso, ao meu ver, devir-docente no território-lugar, busca romper com o que está dado ao experienciar a vida real ultrapassando o suposto saber, pela dimensão do porvir na educação do sensível (Pillotto, 2007) juntamente com a partilha do sensível (Rancière, 2009), pois, “O sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (Larrosa, 2015, p. 25). Assim, devir-docente nessas coisas todas implicadas pelo aberto numa docência artística por atos reflexivos-inventivos-afetivos-com. Nesse horizonte, falo não somente do entrelaçamento da teoria/prática, mas com a tessitura compreensiva de Souza (2024), atos pelas realidades cotidianas dos territórios. Passeio, portanto, pelas suas palavras:

A prática docente vivida [...] intenciona, a partir do contexto social em que os sujeitos estão inseridos, considerar as crenças, os valores, as tradições, em suma, a cultura que permeia as relações em comunidade e que age como um emaranhado na busca de tecer as cosmovisões que fundamentam o jeito de ser e estar perante o mundo (Souza, 2024, p. 117).

Prática docente em travessia junto aos movimentos territoriais. Aqui, docentes no educar por outras coordenadas, pela potência que os move, desvelando, portanto, devir-docente pelo devir-rompimento (Deleuze; Guattari, 1997), ultrapassa, pode escapular no aberto. Aberto a sua própria abertura, aflui o rizoma: ‘não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Deleuze e Guattari (1995, p. 36). Nesse sentido, “e... e... e...” possibilita pensar no Artista-professor, nesse caso, artista-docente no

território-lugar, revelando instâncias movedoras no educar pela artistagem de si, logo, por uma docência-artistagem (Silva, Maria, 2022). Docentes artistas de si entrelaçados com a vida e com a própria docência. Nesse dimensão, rizoma junto ao artista-docente pelo “e... e... e...” e não no “ou”, (Cansi; Requião, 2020).

Devir-docente nas experiências no território-lugar, e: “[...] um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida)” (Deleuze, 1992, p. 123). Sentindo os fluxos, impulsos, pulsação dos próprios pulsos e dos pulsos que pulsam com, no devir-docente ao contrário, andando de ré...fazendo, desvelando sensações e sentidos, sem começar pelo começo. Nesse viés, “rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 20). Nem devir-docente, afinal, rizoma no território-lugar acompanha os fluxos ou é o próprio fluxo movente no devir-docente. Rizoma, sem início, meio e fim, em tudo aquilo pelo qual não costuma-se romper. Seria, portanto, docentes revirando-se do avesso, nas palavras de Deleuze e Guattari (1997, p. 55) nessa viagem devir-desejante ao contrário, talvez seja “[...] preciso começar pelo fim [...] nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 55). Devir-docente no tocante das experiências docências, (des)montando-se pelos vastos acontecimentos nos encontros-com no território-lugar.

Nesse ritmo, revelando, pois, experiências em desterritorialização, em desalinhos pelos caminhos de todo um segmento maquínico (Guattari, 2012), apresentando “[...] componentes de passagem - que fazem emergir, de repente, outras coordenadas de existência” (Guattari; Rolnik, 1996, p. 222). Porvir, potências que revelam-se com, com a autonomia de ré...visitar territórios devir-docente no devir-desejante. Devir-docente no território-lugar mergulhado em imensas e profundas convocações, “[...] não só através do discurso mas também com o corpo [...] virando de vez em quando as coisas ao contrário, desorganizando e reorganizando” (Pelbart, 2000, p. 23).

Na cartografia de si no devir. Falo de devires docentes por movimentos cartográficos, re...fazendo, ressignificando passos que foram dados, pois (des)caminhos solicitam e possibilitam outros. Nesse sentido, devir-docente nas experiências potencializa rupturas nos caminhos. Penso nas fronteiras,

apresentam e precisam ser acessadas, ou seja, docente reconhecendo-se impermanente, descontinuado, em novas crises, abismos, angústias, questões. Penso nas bordas muito tem a ver com os caminhos, com as beiradas, ribanceiras dos caminhos, o que houver nesse itinerário sem direção, dito de outro modo, nas experiências docente em devir, solicitando a estar no que se apresenta ao que Larrosa (2015, p. 13), pode explicar melhor.

Há algo no que fazemos e no que nos acontece, tanto nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas que é algo sobre o que temos vontade de falar, e de continuar falando, algo sobre o que temos vontade de pensar, e de continuar pensando, e algo a partir do que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é o que faz [...] com que a vida esteja viva, ou seja, aberta a sua própria abertura.

Nesse movimento, devir-docente revelando-se em todos os momentos no território-lugar, docentes inteiramente presentes, com presença e com entrega nos atos de educar, pelas coisas de dentro diante do que está sempre no fora, em “[...] outros percursos, outras buscas. Outras questões. Outras escolhas” (Vilela, 2022, p. 66). Deixando-se conduzir pelo não saber sem linhas de fuga (Deleuze; Guattari, 1997). Assim, re...pousando com os saberes. Re...pousos necessários no devir-docente em re...criação, em afecções, re...pousando no território-lugar-com, por horizonte aflorado do vir a ser na docência-artistagem (Silva, Maria, 2022).

Sendo assim, docentes por “uma arte-cartografia, que repousa sobre [...] os lugares de passagem” (Deleuze, 1997, p. 78). Passagens por encontros e (des)encontros ampliando universos, falo de universos que entrelaçam existência e arte, ou seja, docente-artista no território-lugar. Assim, estando artista na docência, há enlances, existência e arte, estas, “relacionam-se de uma forma peculiar e vigorosa” (Pompéia; Sapienza, 2013, p. 29), Desse modo, docente ao (des)caminhar nos constantes caminhos pode contemplar devir-sentir por intensidades educacionais em um mundo que tende a afastamentos, separação de coisas, sequências da vida.

No território-lugar com, devir-docente entrelaça dimensões múltiplas ao que se refere à experiência nos itinerários existenciais, refazendo sentidos a partir dos atos de uma vida docente. Devir-docente por entrelaçamentos inteiros, “nesse sentido que devir todo mundo, fazer do mundo um devir, é fazer mundo,

é fazer um mundo, mundos...” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 64). Ao (des)caminhar-com docentes, vou assumindo tessitura compreensiva ao devir, sobretudo, devir-docente, não estabelece, possibilita abertura e disponibilidade-com, não condiz com algo formalizado, determinado, encaminha-se firme ao que estremece, ao que pulsa nos mundos da educação e nos atos e atitudes de educar.

Docentes (Freire, 2011) no devir em ramificações rizomática (Deleuze; Guattari, 1995, 1997), corpos educacionais e existências no território-lugar na delicadeza e “solicitação daquilo que chama [...] a existência como vir-a-ser que podemos nos permitir uma brincadeira com essa expressão, transformando-a assim: vir-a-ser, a-ser-vir, ser-vir-a, servir a” (Pompéia; Sapienza, 2013, p. 134). O vir a ser devir-docente nos encontros-com vidas na educação.

Vou pensando, o que pode devir-docente sem começo, meio, fim, senão o devir inesperado, incomum, em disposição-com no movimento ré? Inconcluso devir-docente, “[...] um devir vai até aí?” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 25).

**Devir-terra.**

**Devir-folhas.**

**Devir-galhos.**

**Devir-árvore.**

**Devir-caule.**

**Devir-raiz.**

**Devir-tronco.**

**Devir-água.**

Nesses devires rizomáticos do território-lugar, “[...] território que podem nos escapar” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 112),



importa ir refazendo em (des)caminhos para não só teorizar.



## 5 “...NA REFAZENDA, TU ME ENSINA A FAZER... QUE EU TE ENSINO” NO (DES)CAMINHAR

Caminhando me “desorganizando para me organizar, me organizando para desorganizar”<sup>11</sup>, vislumbrando a retomada ao território-lugar CEPA depois de uma longa e enfadonha jornada no CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), apesar de caminhos delimitados, possibilitou atitude de cuidado-com (Barreto, 2017) e inclinação ética nesta pesquisa-refazenda.

Encontro no território-lugar devires na refazenda ao (des)caminhar-com. Devires expressivos, territoriais, habitando. A força destes me levou a dimensão rizomática, rizoma em movimento, vida. Assim, fui adentrando no território e ao mesmo tempo pensando os sentidos compreensivos junto ao sensível. Em tudo isso, docentes vívidos, não poderia deixar meus olhos aflorados passar batido por conta de vários receios.

Devires das vidas na educação, tocantes nas existências. Quando penso o rizoma territorial, estou olhando para multiplicidades docente. Me apresentam espontaneamente movimentos que revelam atos das vidas docentes. Devires entrelaçados (de)formando o todo do rizoma, eu no devir-aprendiz pesquisadora, vou... Para mim o rizoma nesses devires ou os próprios devires que acompanho não se separam. Assim, imergi na refazenda ao (des)caminhar-com devires:

**Devir-terra/docente da capoeira.**

**Devir-folhas/docente da dança.**

**Devir-galhos/docente de teatro.**

**Devir-árvore/docente da educação infantil.**

**Devir-caule/docente da educação infantil.**

**Devir-raiz/docente refazendo, (des)coordenando.**

**Devir-tronco/educandes.**

**Devir-água/famílias.**

---

<sup>11</sup> Me refiro ao trecho da música “Da lama ao caos” – Nação Zumbi, 1994.



### 5.1 “Na refazenda”: (des)caminhar-com devires

Ao entrar no território-lugar noto algumas pessoas que assim como eu, também caminham para entrar. **Educande/devir-tronco** que faz parte do território-lugar abre e fica segurando o portão observando nossa entrada e fala de modo muito espontâneo: **“Pode entrar, aqui recebe todo mundo”**. Não sabia o que fazer, bamba, refazendo o caminhar. O que se apresenta não há preparação, esta é a experiência em devir? Inquieta pensando: O que anotar no diário de campo nessas coisas todas refazenda, ou melhor, no “caderno de anotar as coisas”. O que posso fazer nesta escrita de vivências? Estas linhas jamais imaginei que seriam tão difíceis. Estive inquieta pensando o que inserir nessas linhas percorridas de sentidos e sensações vividas ao (des)caminhar-com. Estando na experiência afecções todas muito potentes e intensas, quis guardar.

[...] não conseguia explicar nada, era apenas invadida pela reverberação da sensação vivida. Mas, com o passar dos dias algo foi sendo reconfigurado na tentativa de dar passagem a experiência vivida com aquela luz, pois, um bloco de sensação continuava a vibrar (Souza, 2011, p. 77).

O frio na barriga sempre presente, corpo tomado por algum fluxo intenso, encantamento com as experiências vividas. Não sabia nem o que apresentar por não pretender apenas tecer comentários estando numa recorrente sensação de não dar conta. Vou tentando trazer compreensões de devires pelo movimento de escrita aberta e fluída. Ao (des)caminhar-com que não é palpável, repetido, muito menos findado. Dito isto, busco o realce das experiências docente. Portanto, vou pela refazenda no destaque em negrito, sem formato, mas no meio, porém não fixado, pois há possibilidades de mover-se. Acompanhando devires, fui me debruçando em maior parte dos dias sem cogitar quantidade de tempo, de estar mais, porque isso quase nada implica quando o território é movente, vibrátil, aberto. Imersa de segunda a quinta e algum final de semana acompanhando eventos.

#### Habitar o território!



Pela intensidade do interior, me lancei no devir-aprendiz pesquisadora que me guiava, no que surgia, turmas, horários diferentes, aproveitei também para emergir nos tantos do território-lugar pelo qual pude entrar. Caminhando intensamente e muitas vezes literalmente, nas aulas movimentos, chamarei de encontros, pois, devir-docente no território-lugar vai se apresentando para além de aulas. Palavras em movimento, inquietas... experiências também.

Vou tentando apresentar na refazenda aquilo que sacode, estremece, falo de tessituras compreensivas ao que foi sendo experiência. Atenta, pois, “Ouvir histórias, memórias, e analisar as narrativas requer delicadeza, cuidado e atenção. [...] particularidades de suas histórias quanto revelam o que dessas particularidades arrastam para seu palco docente” (Silva, Maria, 2022, p. 85). Nos palcos docentes forças territoriais com, escapam, ultrapassam, emocionam, de fato há um palco no território-lugar. Grandiosas sensações ao imergir, corpos lançados com inteireza, eu devir-aprendiz pesquisadora, mesmo diante do constante medo de errar nos encontros-com. Mas, afinal, qual seria o erro, a linha de errância? Devo confessar, talvez, esta seja a parte mais desafiadora/difícil/delicada, não sei. Buscar apresentar na escrita, vivências da vida real: “A escrita do vir a ser se dá no encontro” (Vilela, 2022, p. 22). Devires nos encontros!

Vou me apresentando, afinal, estou sendo um corpo desconhecido que nunca habitou o território-lugar, necessário dizer alguma coisa. Conhecendo docentes e educandes, entro em diálogo acerca desta pesquisa-refazenda a fim de sentir a possibilidade de acompanhar devir-docente. Surpreendida por uma imensa abertura de (des)caminhar-com cada vez mais me lançava, me perdia, muitas das vezes no trajeto, errava as ruas, algo pulsante me conduzia, me fazia chegar. Desde o encontro/visita pude sentir chegando e não apenas indo para um determinado lugar, o que pode parecer estranho, afinal, estava cheia de embrulhos no estômago não sei explicar muito bem, refazenda não tem muita explicação. Talvez a minha estranheza foi experienciar o que chega no território-lugar, não é somente visto, é olhado, é recebido.

Podemos entrar e somos recebidos!

O inédito aguça olhares, delicadeza, euforia. No território-lugar devir-docente não se enfeita, faz-se vibrante a quem sai, chega, habita. Vou observando alguns olhares, movimentação, acompanho olhares e movimentos por um tom de: será que é uma nova tia do CEPA? E chego a ouvir em outros momentos a partir de pergunta de **educande/devir-tronco**, também de docentes, sobretudo, **devir-terra/docente capoeira**:

**“Tia, a senhora veio ficar no CEPA com a gente?”**

Sem palavras, mas com as palavras de Rolnik (2011, p. 85):

[...] cartógrafo vai sendo tomado pela perplexidade. **Ele sente no ar uma mistura nebulosa de potência e fragilidade.** Fica intrigado e quer entender o que provoca sensações tão paradoxais. Respira fundo, toma coragem, apela para seu olho nu e também para a potência vibrátil, não só do olho, mas de todo seu corpo”. Ao ler não dá para sentir meus arrepios, devo dizer que estou tomada.

Intensidade das/nas experiências!

Minha retomada ao território-lugar após o encontro/visita, aconteceu pela retomada também dos encontros da educação infantil. Território não escolar com potências educacionais, criam-se movimentos na maioria das vezes, literalmente, seja pelos encontros nas oficinas de dança, teatro, capoeira, na educação infantil.

Com docentes noto não lugares para isso ou para aquilo, devir-docente circula. O todo do território possibilita inclinações educativas outras com as experiências reais. Assim, as oficinas acontecem em um espaço no primeiro andar, a educação infantil no térreo, geralmente de segunda a quinta, a sexta-feira é dedicada as visitas nas moradas de **educandes/devir-tronco** e encontros entre docentes no território-lugar. No cotidiano, fluxos, fluidez. Passos, ritmos, corpos educativos lançados. Docentes no intervalo servem a comida e se alimentam, na educação infantil o lanche é servido na sala, depois no pátio há algum momento lúdico ou não. Afetos, afagos, con-frontos, aproximações no devir-docente que alimenta, o ato de alimentar-se revela atos de educar no servir, no con-tato, na atitude de arrumar as cadeiras, dividir a comida, oferecer, agradecer. Devires con-junto, me convidam. Experimentar esses momentos.

As aproximações no (des)caminhar-com apresentando detalhes docente, ideias do próprio território-lugar, inclinações no devir-docente que destacam os seus olhares longos, melhor dizendo, olham **educandes/devir-tronco** como um todo cujo intuito não está no caminhar ao que diz respeito apenas ao campo da educação, copiar o abecedário ou decorar a matemática, mas nas implicações dessas matérias. (Des)caminham por matérias de vidas reais não se mantêm por matérias de funcionalidade, pelo contrário, pelos sentidos vividos, por alguma coisa prestes a escapular, por aquilo que não funciona, solicita. No território-lugar movente, docentes envolvem e implicam-se com **educandes/devir-tronco** e os seus contextos, em con-junto com a participação, presença e atuação de familiares: “Assim como a família costuma ser base de

treinamento para a vida em comunidade, ela também é o lugar em que nos é dada, pela primeira vez, a noção sobre o significado e a importância da educação” (Hooks, 2021, p. 130). **Família/devir-água**, movimento necessário no ato de educar junto a todos os devires.

Docentes vão até as moradas, convidam moradas ao território-lugar. Docências além de uma sala de aula, do 2+2, é justamente o que fala Bell Hooks (2021, p. 43), “[...] Comecei a refletir principalmente sobre aquelas formas de ensinar e aprender que acontecem fora do contexto de uma sala de aula”, fazem acontecer encontros nas moradas, vão em conjunto acompanhar as nuances que envolvem a re...criação de atos do educar. Conectados na educação em diálogo, território-famílias nas vivências cotidianas, matérias que compõe atos e atitudes de educar. Potentes movimentos que desdobram o educar pela integralidade, noto que educar pela integralidade é educar pela boniteza (Freire, 2011). Dito isto, ao acompanhar devir-docente, há presença **família/devir-água** nos encontros nas oficinas, inclusive, participação no aprendensinar (Lomba, 2020). Vou ouvindo ao decorrer compreensões semelhantes nos devires, unindo-as, **docente da dança/devir-folhas com docente da capoeira/devir-terra:**

**“Essa mãe está sempre participando com a gente, ela é muito ativa aqui no CEPA, é muito importante”**

**“Tá vendo? Ela participa, dá ideias, tá sempre aqui com a gente”**

Não é mera cogitação ou plano teórico, famílias estão no território-lugar, re...unem-se por vozes, escutas, ideias, sentidos. Um dos atos nas docências é dialogar a quem chega e também a quem permanece. Diálogos que vão aproximando saber con-junto aos propósitos docentes e do próprio território-lugar. Território-lugar volta-se às outras dimensões, ou seja, com a comunidade, com os lugares destes. Nesse sentido, vozes unidas com o propósito no saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009). **Devires docentes, famílias, educandes conversam** no território-lugar ao que o mesmo se propõe:

**“O que o CEPA representa? Qual intuito do CEPA?”**

Esta é uma questão essencial. Propõem saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009), sentidos de estar no território-lugar, por atos de educar pela construção de pertencimento, autonomia, valorização de cada um. Revelam muita importância as camadas territoriais, implicações no processo formativo e transitórios que abarca movimentos educacionais e da vida. Docência (Silva, Maria, 2022), implicada na teoria/prática por ritmos, gestos, cores, possibilidades que desdobram o esculpir os meios criativos de estar sendo no devir-docente e não no caminho do dever ser. Devir movente, atentando-se ao que faz sentido ou não. Assim, não aplicam à docência, constroem, vivem. Não há docência pronta, uma vez que ela se entrelaça com as vidas acontecendo em desdobramentos rizomáticos (Deleuze; Guattari, 1995). Re...fazendo de ré. As experiências revelando convocação: há lugar que sustente apenas um modelo docente em todos esses devires?

As tentativas de determinar a docência (Silva, Maria, 2022), coloca em risco suas potencialidades, oculta experiências. Ouso afirmar que não acompanhei a docência, mas as docências. Chegamos na compreensão que é difícil imaginar a docência única, isolada nas distintas demandas territoriais, um risco assumir que já está pronta. Contudo, no (des)caminhar-com estou aprendendo: não há docência, mas docências que requer caminhar em refazenda no inacabado, solicitando rizoma (Deleuze; Guattari, 1995, p. 32), disso tudo. Aqui, vamos nos referir às múltiplas entradas e saídas nas múltiplas docências do território-lugar. Particularidades de cada docente vão experienciando o que vai se apresentando nos encontros-com, implicando-se com a revisitação dos atos e atitudes do educar. Docências vivenciadas enquanto potente e desafiadoras, algo em comum no estar sendo docente se revela enquanto desafios diante de contextos tanto de docentes quanto de educandos, espaço educativo formal.

Docentes dialogam reverberações no estar em docência-com, requer atravessar algumas pedras no (des)caminhar conforme os fluxos dos devires, re...fazendo, re...criando. Desafios que permeiam o cotidiano ao que diz respeito aos resquícios de espaços outros, acolhem e encaram os desafios, afinal, vidas em si são desafiadoras. Os desafios que se apresentam estão relacionados às especificidades, sobretudo, psíquica, devires emergentes, ou seja,

vulnerabilidades familiares, econômicas, problemáticas voltadas a ações/comportamento reproduzidos no contexto do espaço formal. Docentes vão compreendendo e assumindo realidades distintas no espaço educativo formal público e privado. No espaço formal são os formatos impostos, rigidez, educação consumada pelas regras dentre elas, a exigência da aprovação nas matérias bancárias da educação:

**“Muitas vezes o professor tem que aprovar”**

Acesso essa compreensão a partir de **docente da dança/devir-folhas e docente da capoeira/devir-terra**. Em territórios outros, educação atravessada por formatos bancários, competitividade. Resquícios do espaço formal reverbera nas docências do território-lugar, mas estão passeando por outros sentidos, dito de outro modo, densidades educacionais vão sendo re...pensadas e não mantidas. Unem-se, circulam diálogos, abrem passagens na escuta, olhares, gestos, pela abertura de novos modos de sentir, novas sensações, buscam caminhar pelo aprendensinar (Lomba, 2020), vou observando devir-docente entrelaçando teoria/prática na educação do território-lugar. Ao (des)caminhar-com, **docente da capoeira/devir-terra**, eu devir-aprendiz pesquisadora, pergunto:

**“Como tu se sente sendo educador do CEPA?”**

Docente da capoeira/devir-terra:

**“É massa, aprendo também, aprendo muito com eles, né (sorri), eu aprendo para depois fazer também”**

Forças movedoras nos atos de educar, descobrem possibilidades de não somente permanecer em posturas, no repasse de saber. O ensinar é movimento re...fazendo diferença e mudanças nas vidas em educação. Devires compreendem que a repetição e/ou manutenção da rigidez enquanto matéria de educação não educa. Devir-docente no re...fazer dessas matérias unidas com às matérias das vidas cotidianas. Desafios também chegam e desapontam, mas é como se fossem mola propulsora ou aquilo que impulsiona descobertas. Ao olhar devagar, tomam fôlego, re...fazem o caminhar (des)caminhando. Fazem dos desafios um estado de invenção, passeiam a fim de novas configurações,

rupturas, rachaduras nos caminhos, re...configurações das pedras. Não paralisam os corpos na educação, cheios de brilho nos olhos devires revelam o estar sendo docente:

**“É gratificante e ao mesmo tempo desafiador”**

Nos tantos nas experiências ampliam olhares, atitude que chama bastante atenção, os olhares no devir-docente são emocionantes. A delicadeza docente educa pelo olhar amoroso: “[...] quando ensinamos com amor somos mais capacitados para atender às preocupações específicas de cada estudante” (Hooks, 2021, p. 144). Olham não somente gestos, movimentos, apresentam olhar longo e atento em devires no todo. Olho o olhar docente diante das multiplicidades: “Metamorfoseante são as nossas vivências. Nossas vidas se metamorfoseam imbricadas de construção, reconstrução, transformação...” (Vilela, 2022, p. 61). Nessas movimentações da vida docente vão realçando sentidos e afecções nas atitudes e também pelas suas vozes. **Docente de teatro/devir-galhos, docentes da educação infantil, devir-caule e devir-árvore, docente da dança/devir-galhos**, realçam o estar sendo docente no território-lugar:

**“Por amor, sabe? Ser amorosa, ter amor nas densidades, naquele que mais dá trabalho, sabe?”**

**“Estar sendo educadora aqui no CEPA, é buscar fazer a diferença”**

**“É muito gratificante”**

Isto não é para exemplificar o funcionamento nem romantizar o devir-docente. Afinal, o contexto da educação nem sempre é tão bonito assim. Porém, estamos no território que carrega e faz acontecer atos movedores do educar numa boniteza (Freire, 2011). Nesse horizonte, não são realces apenas de devires-docentes destacados acima, devires apresentam atos e atitudes por entrelaçamentos no saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009) e na educação pelo sensível (Pillotto, 2007), pela partilha do sensível (Rancière, 2009). Com isso, não somente, referem-se ao amor, o fazer a diferença, a gratificação e a identificação enquanto atos movedores no educar, mas colocam

em prática aquilo que com-partilham nas conversações. Devir-docente no aprofundamento do educar junto ao aprendensinar (Lomba, 2020). Abrem ou são a própria abertura criativa em meio aos embaraços da educação, inventam e colocam em prática movimentos com forças delicadas por tessituras freireanas. Em **educ refazendo/devir raiz e educ infantil/devir-caule** vou acompanhando tessituras:

**“Aqui no CEPA, nós temos como base a educação popular a partir de Paulo Freire e buscamos colocar em prática no nosso dia a dia”**

Nesse movimento, não basta ter identificação com a educação, sobretudo, com a educação popular, educar exige, é necessário afetar e ser afetado. Cada docência é afetação, cada ato, movimento, gesto... docências (re)criando seu dia a dia, “Criar é modificar-se pelo outro, portanto, matéria da educação”, (Rasslan, 2019, p. 110). Devir-docente retecendo-destecendo-territorializando na re...criação de matérias nos novos ciclos, contemplando horizontes inventivos, unindo potências, ideias, gestos, atitudes... de cada devir-docente. Dito de outro modo, “[...] A docência se faz nas experiências, não do fazer as mesmas coisas a cada ano, mas de promover novidades a cada dia” (Vilela, 2022, p. 102). Portanto, não é somente reproduzir movimentos, exercícios nos encontros, não fazem disso um objetivo, o estar e se sentir pertencente por “Um modo de aprender e ensinar arriscado como arriscado é viver” (Lomba, 2020, p. 135), tem muito mais a ver. Compreendem que não basta somente estar sendo docente e/ou educande aplicando algo no território-lugar, pois estão implicados com atitudes cotidianas. Devires-docente cativam, cultivam o educar-com. Há toda uma boniteza (Freire, 2011), no devir-docente no território, sedimenta afecções, a beleza docente vai se revelando em todos devires.

Docentes (Freire, 2011), enquanto artistas-de-si-com, em comprometimento, disponibilidade na arte de estar sendo docente junto aos devires. A potente relação entre a arte e devir-docente é presente, docentes obra de arte, reflexos luminosos numa docência-artistagem (Silva, Maria, 2022). Atos educacionais criativos na dimensão cultural, territorial, devir artístico, expressivo,

encontrando na cultura popular modos outros de educar pelo o que faz parte das suas histórias e vidas nos territórios.

Com isso, meu devir-aprendiz pesquisadora pôde (des)caminhar-com em todo movimento de criação de um novo espetáculo, intitulado de “O que é a nossa cultura?”, devires na dança, capoeira e teatro. A arte revela atos da vida na educação. Assim sendo, devires por diálogos no saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009), representatividade, posicionamentos, falas, ferramenta de conscientização, enaltecimento, pertencimento da cultura local, [...] “aulas espetáculo”, que se popularizaram na voz de Gilberto Gil...’ (Nogueira; Bracchi, 2022, p. 16). O território-lugar está além da refazenda, passeia pelas próprias dimensões de sentido e do educar pelo movimento do ser Gilberto Gil, parece até alguma coincidência, mas é refazenda, acontece bonito, potente. Ao imergir na educação pelo sensível (Pillotto, 2007), (Rancière, 2009), não tem como não emocionar-se, vão com-partilhando sentidos reais entre teoria/prática **docente da capoeira/devir-terra, docente da dança/devir-folhas, docente de teatro/devir-galhos:**

**“É importante que saibam e aprendam o que estão fazendo”**

**“Aqui a gente tá aprendendo o movimento e o nome”**

Refazenda nas experiências em movimento, devires reunindo-se por teoria/prática e território dos sentidos a fim de apresentar de modo reflexivo pela dimensão artística temáticas no saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009), cultura, comunicação não violenta, trabalho infantil, alimentação, violência de gênero, doméstica e infantil, tecnologia. A dimensão reflexiva acompanha o todo dos devires, não está apenas no copiar a lição, na verdade, não reproduzem nenhuma lição. Ao (des)caminhar-com **em conversação com docente da dança/devir-folhas** tomamos nota dos resquícios do espaço formal ao que diz respeito a cultura de massa, “cultura tik tok”. São desafios na compreensão docente que apontam olhares da arte na educação ainda incipiente, aspectos culturais e suas densidades sociais, ou seja, o vazio que reverbera culturalmente na não valorização da cultura popular, “[...] a arte poderia ser vista como uma fonte infinitamente renovável de energia vital e criação, uma força constante de mutação e subversão (Nogueira; Bracchi, 2022, p. 14).

Nessa perspectiva, fomos compreendendo que esse aspecto não valorado é comum em muitos contextos. Em conversação pelo território-lugar com **docente de dança/devir-folhas, docente de teatro/devir-galhos** justamente re...parando esses entraves no ato de educar no cotidiano, fomos pensando no que a educação, sobretudo, formal preconiza e o que de fato acontece, “[...] a distância entre o que dizemos e o que fazemos” (Freire, 2011, p. 34). Os desafios convocam devir-docente, atuam com firmeza na teoria/prática, entrelaçam o falar e o fazer. Nesse ritmo, vão notando mecanismos da educação bancária (Freire, 1983, 2018), rigidez naturalizada, a norma como parte da educação em linhas gerais que cerceiam as docências e as vidas.

Convidam entre si a saírem dos mesmos lugares, não param nos caminhos, nem constroem linhas de fuga, vão refazendo junto aos devires por fios que os conectam. Nesse sentido, buscam, “Partir da realidade não é só identificar os temas de interesse de cada coletividade, é ir além, saber como elas são vividas...” (Hooks, 2020, p. 12). Dialogando no intuito de aproximarem-se dos desafios e assim passear por possibilidades outras na refazenda que se apresenta, despertando-os, pois, desejam crescer, mas não falo no sentido literal, falo de potências. As demandas, os desa-fios que atravessam vidas na educação, revelam o movimento de: “(Des)caminhar impulsionada por um devir... não está pronto, ele é feito, desfeito a todo momento, a todo instante, às vezes é preciso desconstruir para construir novamente... o (des)caminhar que tanto desejamos é a coragem de quebrar os muros impostos, é fugir da prisão do mesmo...” (Oliveira, 2018, p. 11). Nesse ritmo, re...invenção. re...encantamento.

Firmamento!

Refazendo, andando de ré, buscam (des)construir ações naturalizadas na educação do saber sobre (Freire, 2011), (Alvarez, Passos, 2009). Mesmo nas densidades e nos desafios, compreendem que não seria momento, nem hora de parar, mas de unir-se em círculo no chão como re...fazem nos encontros-com, pelos diálogos, pelo ré... Re...pensar atos e atitudes no educar, não perdem o estado de con-templação e o enaltecimento de potências diante dos entraves da

educação na vida real, caminhando em (des)caminho todos os dias buscam romper quando necessário ações sobre, baseadas no:

**“Não e não e não, não é assim, me perguntem o porquê não, é importante até pra mim”**

**“Ficar três horas numa sala é complicado, nem é bom pra eles nem pra mim, precisam também fazer outras coisas”**

**“Uma mãe deixou um deles sem participar dessa aula como forma de castigo devido ao seu comportamento. Esse ato não educa, pelo contrário, o que ocorre é regressão”**

Essas são algumas compreensões fortes, das realidades, se apresentando com **docente da capoeira/devir-terra, docente da dança/devir-folhas, docente de teatro/devir-galhos**. Embora muitas vezes sintam cansaços ruins não cogitam desistência, talvez os descompassos sejam potencializadores das intensidades do devir-docente e não sujeitos que só repetem. Devir-docente na educação da inquietação, não estão somente entendendo, mas sentindo os atos de educar pelo cuidado-com (Barreto, 2017), possibilita adentrar em movimentos singulares na imensidão do coletivo em encontro-com, em outras palavras, a educação acontecendo pelo sensível (Pillotto, 2007), (Rancière, 2009), pelos pensamentos com criticidade, mas, sobretudo, com a sutileza. Buscam compreender contextos, como foi o final de semana, essas coisas grandiosas que parecem bobas, mas faz todo diferencial no movente ato de educar pelo saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009), e pode, deslizar ou escorrer pelas mãos ao cogitar apenas o teorizar. Nesse horizonte, aprendi que o ato de construir sentidos é infinito e com isso descobri o cansaço não somente ruim, mas movente ao devir-docente. Nos desejos do aprendensinar (Lomba, 2020), em con-junto, independentemente do contexto, buscam outras partidas. A sensação do sentir-se-com, falo da relação entre docente-educandes. **Devir-galhos/docente de teatro**, com-partilha o sentido de:

**“Um cansaço bom”**

Sentidos inéditos no devir-docente (des)caminham muito além do que pode ser imaginado. Assumindo realidades, nuances subjetivas, não combatem, permitem-se também experienciar densidades. O não saber pode revelar

movimentos percorridos por mudanças no curso da vida docente. Vida docente vai sendo aprendida em (des)caminhos. No território-lugar, devir-docente com cheios de posturas mutáveis em cada encontro-com, com vastos desejos de re...criar e não somente destruir o que está posto. Assim, devires no território-lugar requer passear em (des)caminhos, pois, “se fazem justamente em fissura ao caminho traçado, ao caminho descrito, ao caminho desenhado, e seguimos abertas...” (Oliveira, 2018, p. 5). Atentam-se, assim, ao que vai se apresentando ou não, mergulham na renovação por novas turmas, novos desafios, ciclos, inéditos. Com **docente da dança/devir-folhas, docente de teatro/devir-galhos**, acompanho compreensões e atitudes ao que está sendo dialogado e vivido:

**“Sempre busco fazer o exercício de unir, quem já sabe, ensina a quem não sabe, a quem tá chegando e por aí vai”**

**“Ser educadora é sempre renovador”**

Devir-docente no território-lugar revela vastas sensações pelas quais não arrisco colocar em palavras. Vejo apreço nos atos e atitudes de educar na teoria/prática, com-partilham a satisfação ao acompanhar **educandes/devir tronco** com engajamento nos encontros. Nas palavras de **docente da capoeira/devir-terra, docente da dança/devir-folhas, docente de teatro/devir-galhos**:

**“Sempre tento ajudar, sabe?”**

**“Eu fico muito feliz”**

**“Minha satisfação em poder ajudar o outro”**

As compreensões junto as afecções não implicam em assistencialismo, é devir-docente no estar disponível, no entregar-se ao educar, falo também do devir-vínculo, “Um modo de aprendensinar com as surpresas das descobertas, com prazer” (Lomba, 2020, p. 83). Devir-docente e todos devires do território-lugar apresenta afecções diversas, satisfação, estados de euforia, fazem festa nos encontros-com. Em con-junto **educandes/devir-tronco com devires** com cumplicidade, sintonia, re...fazem surpresas, literalmente, se divertem, constroem o apreço pela educação no dia a dia. No território-lugar é preciso estar

atenta, pois sempre pode haver algum inédito. Dentre os momentos nas experiências, me chama atenção em um dos encontros-com, o reunir-se em círculo, vou acompanhamento movimentações... no meio, no início ou no fim eufóricos, agitados, concentrados, entre os diversos estímulos, **educandes/devir-tronco** na tentativa de organizar uns aos outros, **docente de teatro/devir galhos** aguardando o círculo:

**“Pode deixar, eles entendem o que é um círculo”**

**“Os círculos são feitos por linhas tortas”  
Educandes/devir-tronco.**

O círculo ultrapassa, escapole pelos inéditos. Houve surpresa, chegou como “[...] Modo de aprendensinar com a surpresa...” (Lomba, 2020, p. 79), nesses momentos docentes se envolvem nas experiências-com pelo inédito, por novas compreensões. Acompanhando reflexões no devir-docente, vão dialogando no acolhimento, ou seja, acolhem como desejam ser acolhidos. Essa é uma das atitudes que possibilita atos e atitudes de educar pela boniteza (Freire, 2011). É bonito acompanhar, “educador-educando com educando-educador”, (Freire, 2018, p. 95). (Des)caminhadas vão sendo entrelaçadas ao (des)construir saberes postos, amarras rigorosas por uma grandeza da suavidade: “Os Modos de aprendensinar falam de uma prática de vida, que perpassa o corpo...” (Lomba, 2020, p. 18). Estou olhando devires-docente pelo fascínio e atos de educar pelas matérias práticas da vida, o querer bem (Freire, 2011) ao **devir-tronco/educandes**. Nessa perspectiva, revelam energia construtiva, vívida, dedicação, entusiasmo, com-prometimento, rede de afecções, re...arranjos nos encontros-com. Fazem do território desejante a própria realização do desejo no território-lugar, há o encontrar-se, o sentir-se pertencente junto às todas dimensões do devir. Em todos esses sentidos, compõe, recompõe, põe o território-lugar no movimentar-se pelo desejo da “[...] construção de um ambiente educacional [...] por meio da alegria, do amor, da cumplicidade e da autorrealização, articulam conhecimentos de diferentes procedências” (Hooks, 2021, p. 9).

Recorro a poética de (Cansi; Requião, 2020), (Ribeiro, 2022), esta presentifica desejos e movimentos afetivos na teoria/prática no devir-docente do

território-lugar. Vejo que docentes imergem em dimensões de sentidos que se sobressaem muitas vezes diante das demandas mais densas que aparecem para delimitar o educar. Mas, alguma coisa escapole, devir-docente desvela-se por outros fios condutores, con-tato, fios que não os prende, muito pelo contrário, ligam, conectam uns aos outros. Com **docente da capoeira/devir-terra** no acontecer encontro-com, **educande/devir-tronco** conduzindo e ao mesmo tempo reparando em cada um. Sorri e partilha:

**“Tá vendo? É uma alegria, não tem como se estressar”**

Os detalhes dessa alegria e a possibilidade do estressar vão re...fazendo vidas e corpos na educação afetiva. Revelam e compreendem densidades enquanto algo que sempre irá existir, mas nas experiências-com, movem-se, buscam outras atitudes, olhares pelos detalhes, potências, talentos. No devir-docente do território-lugar, “Há toda uma arte das poses, das posturas, das silhuetas, dos passos e das vozes” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 112). Inventam paisagens, rastros, luminosidades. Estão nos inéditos mesmo ao que pode parecer ser os mesmos atos, são outras apresentações nos devires, com as mesmas pessoas sendo pessoas outras, “Tudo que nos acontece, acontece pela primeira vez, todas as vezes” (Boal, 2009, p. 74). Devires-docente vão destacando a partir das experiências:

**“Mesmo que seja na mesma turma, sempre tem algo que acontece diferente”**

**“Não é técnica pela técnica, há o sentido do que propõe. Por exemplo: uma dinâmica na sala pela primeira vez apresenta certas coisas, na segunda vez pode apresentar algo diferente mesmo que seja a mesma turma não são as mesmas coisas”**

Realce da compreensão **docente de teatro/devir-galhos e docente da dança/devir folhas**, vejo engajamento, convocando-se ao re...fazer, expandindo dimensões reflexivas e afetivas. Devir-docente nos gestos mais singelos, com isso encontram na arte campo expansivo no aprendensinar (Lomba, 2020). A arte na educação, a educação na arte, artes territoriais das vidas, nas experiências e vivências, Devir-docente no território-lugar na possibilidade de “Deixar-se graduar de outros tons perpassados pelas folhagens, outros

gradientes luminosos” (Souza, 2011, p. 33). O movimento e a abertura ao saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009) nos atos e atitudes de educar requer abertura ao inesperado. Sendo assim, não cogitam manter teoria e prática pronta e separada, pois é no cotidiano que devir-docente vai descobrindo cores, gestos, paisagens, outras leituras com. Nesse horizonte, recorro a compreensão **docente de teatro/devir-galhos** no movimento do saber com e não saber sobre (Freire, 2011), (Alvarez, Passos, 2009):

**“A partir de para chegar ao com. O processo educativo deve ser entendido por eles e a partir deles”**



Desse modo, vejo docência-artistagem (Silva, Maria, 2022) em entrelaçamentos com a arte-cartografia (Deleuze, 1997) nos territórios e seus movimentos reais dando vazio ao “[...] Modo de aprendensinar o COM a vida (Lomba, 2020, p. 123). Ao notarem que não está fluindo (des)caminham em modos outros, atinam-se pela dimensão compreensiva de que “Não se recompõem as forças sem criar...” (Didi-Huberman, 2017, p. 117), pelas ideias de todos devires re...encontrando e sentindo convocações outras. Ao (des)caminhar-com **docente de teatro/devir-galhos, docente da dança/devir-folhas**:

**“A percepção deles durante as aulas é muito importante, contribui muito na prática”**

**“A gente não decora, a gente aprende e leva pra vida”**

Há toda uma vividez docente que possibilita passagem ao educar pelo cuidado con-junto, diria que esta é uma das matérias essenciais no cotidiano educacional no território-lugar. O cuidado con-junto em diálogo com o sensível (Pillotto, 2007), (Rancière, 2009), possibilita, portanto, escuta atenta, o expressar-se, a liberdade no educar criativo, ou seja, a importância do enlace nos devires rizomáticos (Deleuze; Guattari, 1997) no aprendensinar (Lomba, 2020), sobretudo, nas obras de arte que estão re...fazendo, falo do espetáculo que estão preparando. Com isso, aproveito para destacar olhares essenciais nos devires, ou seja, por envolver movimentos, expressões corporais, vão pensando nas vestimentas, no conforto, um cuidado presente nos encontros-com. A partir de **docente da dança/devir-folhas, docente de teatro/devir-galhos, docente da capoeira/devir-terra:**

**“Trabalhar com o corpo é cuidar do meu e do outro”**

**“Prestar atenção para a gente conseguir fazer os exercícios”**

Aqui, a potência e a sensibilidade dos corpos revelando sentidos no devir-docente pelo território fértil. Estando nas experiências no (des)caminhar-com, acompanho atitudes movedoras que acontecem pelos encontros-com numa constância do saber com (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009). Devir-docente no território-lugar refazendo, cartografia de si, re...param que não estão prontos, estão em travessias todos os dias na refazenda. Devir-docente no olhar, no riso, no silêncio... Cartografia que (des)montam-se por novas passagens de leituras de mundo, dito isto, vejo o educar por uma cartografia afetiva (Rolnik, 2011). Devir-docente no território-lugar pelo risco, pela presença, por desejos. Requer, portanto, presença com **devir-água/famílias, devir-tronco** na incompletude e nos sentidos que os movem. Nesse horizonte, acompanho a cartografia no devir-docente no território-lugar, revelando-se pela tessitura compreensiva de **docente de teatro/devir-galhos:**

**“...não funciona sem eles, se for só eu, ou eu, não acontece, só acontece a partir deles, eles que realizam, não importa só a questão... só querer construir e reproduzir... é eles”**

Vou pensando enquanto devir-aprendiz pesquisadora em toda imensidão nas experiências com docentes. É possível a prática escapular da teoria? É isto mesmo que estou acompanhando! Compreendendo, portanto, que não são meros agrupamentos de devires, mas sim potências das vidas reais. Devir-docente revela zelo nos atos e atitudes de educar, re...mexe os próprios estados, transbordando sentidos nas potências territoriais. Ao olhar uns aos outros vão criando identificações de si, sentindo-se no habitar o território. Com **docente da dança/devir-folhas**, vou acompanhando intensidade no olhar expansivo, detalhado, afetivo. O ato de educar por olhares cuidadosos levando em consideração cada modo de vida, olhares no devir-docente que falam junto aos **educandes/devir-tronco**. Assim, a criação do espetáculo envolve diretamente atos e atitudes do educar por uma cartografia afetiva (Rolnik, 2011), pois implicam-se com cada afecção nos encontros-com. Ao (des)caminhar-com **devir-folhas/docente da dança**, o pensar o espetáculo com cada **educande/devir-tronco**, requer devir-docente, olhar e sentir:

**“Uma roupa bonita, não é porque são de um território vulnerável, que tem que ser qualquer coisa, tais entendendo? penso em como eles vão se sentir”**

Devir-artista, desvelando seus talentos em todos devires do território-lugar. Re...unem devires nos diferentes fluxos, não há competição de devires, sobretudo, docente, “Os agrupamentos de potência são plenamente diversificados...” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 137). Entrelaçamentos nos seus múltiplos acontecimentos, na refazenda em metamorfose. É belo acompanhar devires na educação construindo passagens, estados poéticos e criativos. Revelando os ensaios do espetáculo não somente como ensaios, mas atos e atitudes do educar acontecendo, regados de muita potência. **Devir-tronco/educandes** protagonizando pela frequência e potência do aprendensinar (Lomba, 2020) com **docente de teatro/Devir-folhas, docente da capoeira/devir-terra, docente da dança/devir-galhos**, aliás todos devires no território-lugar compõem artistagem no educar, ou melhor, na docência-

artistagem (Silva, Maria, 2022), onde acompanha o criar livremente no passeio com a arte-cartografia (Deleuze, 1997) de-si-com sem linha, nem receio para alguma errância. Veem potências e acompanham o nascer destas no devir-docente. Assim, **vozes fortes dos devires-docente nos encontros-com devir-tronco/educandes:**

**“Todo mundo junto”**

**“Ensinando o seu movimento ao outro”**

**“Criando o seu movimento”**

**“Criando o seu tempo”**

**“Você vai ensinando os seus passos”**

**“Todo mundo vai aprender os seus passos”**



Re...fazendo o educar e não apenas reproduzindo matérias da educação. Nessa perspectiva, algo muito curioso e valoroso é a mistura nos encontros-com, muitas vezes na dança revelam movimentos que aprendem na capoeira, na capoeira dançam, no teatro brincam, “Para afirmar abertamente que poesia é infância e ciência ao mesmo tempo” (Didi-Huberman, 2017, p. 218). Vão revelando o educar brincando com toques, ritmos, sons, barulhos. Acompanho docentes com educandes da capoeira e da educação infantil, o educar entre as docências, entre devires do território-lugar, “Os papéis de professor, artista e produtor cultural se confundem de forma fluída, sendo ocupado muitas vezes

pela mesma pessoa” (Nogueira; Bracchi, 2022, p. 15). Re...unidos nos acontecimentos educacionais, unindo atos de educar pela dimensão cultural, **docentes da educação infantil, devir-árvore e devir-caule com docente da capoeira/devir-terra, docente de teatro/devir-galhos com educandes/devir-tronco:**

**“Importante esse momento cultural que é um momento também educativo”**

**“Um vai cuidando do outro, os maiores protegem os menores, cuidam dos pequenos”**

**“Momento em que fico com eles mais livres, até pra eles gastarem energia”**

**“Deixar eles mais livres, sabe?”**

Os movimentos culturais no educar possibilitam construir novos atos educacionais, a cartografia afetiva também (Rolnik, 2011). Devires do território-lugar consideram importante com-binados, estes vão sendo construídos nos encontros-com. Passeando pela educação infantil embora estejam em movimentos educativos formais, não há aspectos de uma educação baseada no depósito de conteúdo (Freire, 1993, 2018), buscam desfazer caminhos do saber sobre (Freire, 2011), (Alvarez; Passos, 2009). O ato de unir o educar revela modos de não somente decorar as vogais ou o 2+2. Assim, os com-binados apresenta o educar pelo respeito, pela escuta, ou seja, ao invés de gritos, buscam modos de falar. Há vozes não só do falar, liberdade para expressões, abertura para contribuir/escolher/decidir. Pelas vozes e olhares docentes nas conversações, observo muita empolgação de **devir-tronco/educandes** nos movimentos criativos, nas descobertas da autenticidade, na possibilidade de posicionar-se, discordar, nos encorajamentos que potencializam outros compassos. Com **devires-docente da dança/devir-folhas, docente de teatro/devir-galhos, docente da capoeira/devir-terra...** no aprendensinar (Lomba, 2020):

**“Aprendo muito com eles, muitas coisas a partir deles chego a colocar em prática nas aulas, agrega muito”**

**“É massa, aprendo também, aprendo muito com eles, né, eu aprendo para depois fazer também”**

**“Eu sou mestre que aprendo, mestre que dou lição”**

**“Em algum momento eu chamo algum deles para puxar a aula, porque aí eles vão aprendendo e podem ir ensinando também a quem tá chegando e por aí vai”**

(Des)caminhar-com devires, re...lembrando que “na refazenda, tu me ensina a fazer que eu te ensino”, é assim devires no território-lugar ao (des)caminhar no educar. Acompanho diálogos, sobretudo, acerca da comunicação não violenta, movimento presente no ato de educar no dia a dia do território, sendo: **“um dos propósitos do CEPA”** compreensão com-partilhada por docentes.

Desse modo, vejo em Bell Hooks (2021, p. 132), o essencial aos devires: “[...] Essa disposição mútua para ouvir, argumentar, discordar e construir paz é o resultado positivo de nosso comprometimento coletivo, como família, com o aprendizado. Essa é a educação como prática da liberdade”. Estão, portanto, imersos na teoria/prática em disposição com o educar pelo reflexivo/afetivo, pela educação que legitima o sensível (Pillotto, 2007), (Rancière, 2009). Nos encontros-com, experiências que tocam, estremecem o corpo, os sentidos, é profundo ver, ouvir, vivenciar tudo ao mesmo tempo, teoria/prática, prática/teoria e confundir-se pelas intensidades das experiências no devir-docente do território-lugar. Acompanhar a força, a entrega, o engajamento também pelo cuidado-com (Barreto, 2017), **docente da capoeira/devir-terra, docente de teatro/devir-galhos, docente da dança/devir-folhas com educandes/devir tronco, famílias/devir-água:**

**“A gente precisa ter cuidado com a forma que falamos com outra pessoa”**

**“Como a gente se cuida para cuidar do outro?”**

**“Como a gente pode modificar essa realidade de tanta violência?”**

**“Como mudar aqui?”**

Essas inquietações não surgiram pelo devir-aprendiz pesquisadora, apresentaram-se no encontro-com entre devires do território-lugar. Assim, cada vez mais experienciando a não fixação das pedras no meio, no fim, no início do caminho no devir-docente radiante que se transmuta com nos atos de educar. Com isso, a vida possibilita o curso entre docente e vidas na educação pelo movimento de “Respeitar a leitura de mundo” (Freire, 2011, p. 63). Ao (des)caminhar-com, ramificações se encontram e constroem devires. Devir-docente no território-lugar nada apenas é, “Não sou: estou sendo. Caminhante, sou devir. Não estou: vim e vou [...] Nomes nomeiam o que será e o que foi. Não o que é, porque nada apenas é!” (Boal, 2009, p. 101). Nesse horizonte, a importância de identificar-se com o estar sendo docente em conjunto, compreendendo multiplicidades na educação no território-lugar, com o mesmo propósito, o de educar, é apresentada pela tessitura compreensiva de **docente da capoeira/devir-terra**.

**“Cada um tem o seu jeito, meu jeito de trabalhar é com todos”**

Unem! Re...unem devires!

Dito isto, quero destacar o símbolo do território-lugar. Em um dos tantos momentos, acompanhei o cantar, algumas palavras da música:

A árvore na montanha, galho, folha, tronco, ninho...

Olho a blusa de **docente da educação infantil/devir-árvore**.

Uma árvore em cada folha está o nome de cada educande/devir-tronco.

Seria o território-lugar o próprio horizonte rizomático nos devires que foram revelando-se? (Deleuze; Guattari, 1995).



Múltiplos enlaces nos devires. Entre os múltiplos sentidos e dimensões do rizoma, intensidades de vida, movimento: “[...] rizoma em raízes...” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 22). Ramificações no ato de educar-com para além do território acontece por passeios, melhor dizendo, aulas passeios. Aprendi que é uma oportunidade de experienciar teoria/prática: **“E terem uma vivência com as temáticas que estão estudando”, docente da dança/devir-folhas.**

Acompanho diálogos calorosos acerca do próximo encontro passeio para a Ilha de Itamaracá. Dançando ciranda, coco de roda, ensaiando! De repente, estamos em pé em círculo, emoção vai escorrendo pelos olhos... pelos nossos olhos, não significava uma despedida. Estive acompanhando a possibilidade deles conhecerem Lia de Itamaracá, patrimônio vivo da nossa cultura popular pernambucana. Emoção em tudo isso, território-lugar sendo pela cartografia afetiva (Rolnik, 2011), (Dias, 2021), devires no “beabá com Lia”. Construíram o dançar nesse encontro-com, fui convidada para o círculo, alguma coisa por dentro foi ficando apertada, sentimos. Quis sentir que não estava acabando, mas

não pude negar que o “até logo” estava se aproximando, esse sentir foi se fazendo presente no encontro em que ouvi: “ela tá terminando o estudo, vamo dá um abraço capoeira”, também quando cheguei e já ouvi: “eu não admito que hoje seja seu último dia!”.

Turbilhões...

Tantos no acompanhamento no território-lugar CEPA numa refazenda nas “experiências com coisas reais”, mas não acabamos! Pensando na retomada, afinal, fui convidada a estar no evento mais esperado na capoeira e no espetáculo pelo qual tive a honra de acompanhar devires... e aprender a aprender. As intensidades me levaram a sentidos que não me dei conta, não de concluir, mas de fato, aceitar o até logo!

Tomada pelas experiências com devires no território-lugar não sabia como escrever algumas linhas, após, agora, antes. Afinal, a nossa pesquisa-refazenda sempre caminhando... ‘[...] "Não adianta dizer o que se vê; o que se vê não habita jamais o que se diz"... não há uma lição de escrita...’ (Deleuze; Guattari, 1995, p. 83). Habitar território-lugar no devir-aprendiz pesquisadora, sem meio, fim, começo...

Intenso!

As intensidades não cabem nestas linhas, as linhas não sustentam as intensidades. Frio na barriga, penso numa roupa bonita, afinal, aprendi-com devires, a importância dessa atitude.

XV Mostra de Arte e Cultura do CEPA, 12-12-23, noite de terça-feira, não estou preparada para prestigiar o espetáculo.

Estado de euforia, também noto euforia no território-lugar, (re)encontros com **devires do território-lugar...** Vejo-os ainda mais cheios de belezas.

Belezas de si. Belezas artísticas. Belezas educacionais.

**“TIA, A SENHORA VEIO”**

**Educande/devir-tronco (euforia/gritos).**

Tia – afecções conjuntas, fuge de toda ordem teórica, encontros devires, veias pulsantes, sentidos vibrantes.

Espetáculo? Pelas experiências ao (des)caminhar-com devires no território-lugar, não tinha dúvida que iriam apresentar/construir uma obra de arte. Dessa vez não foi só eu que estava sem palavras, fomos nos olhando, **docente refazendo/devir-raiz com devires** que apresentavam-se:

**Pelo café na xícara com uma árvore.**



**Por abrir o portão.**

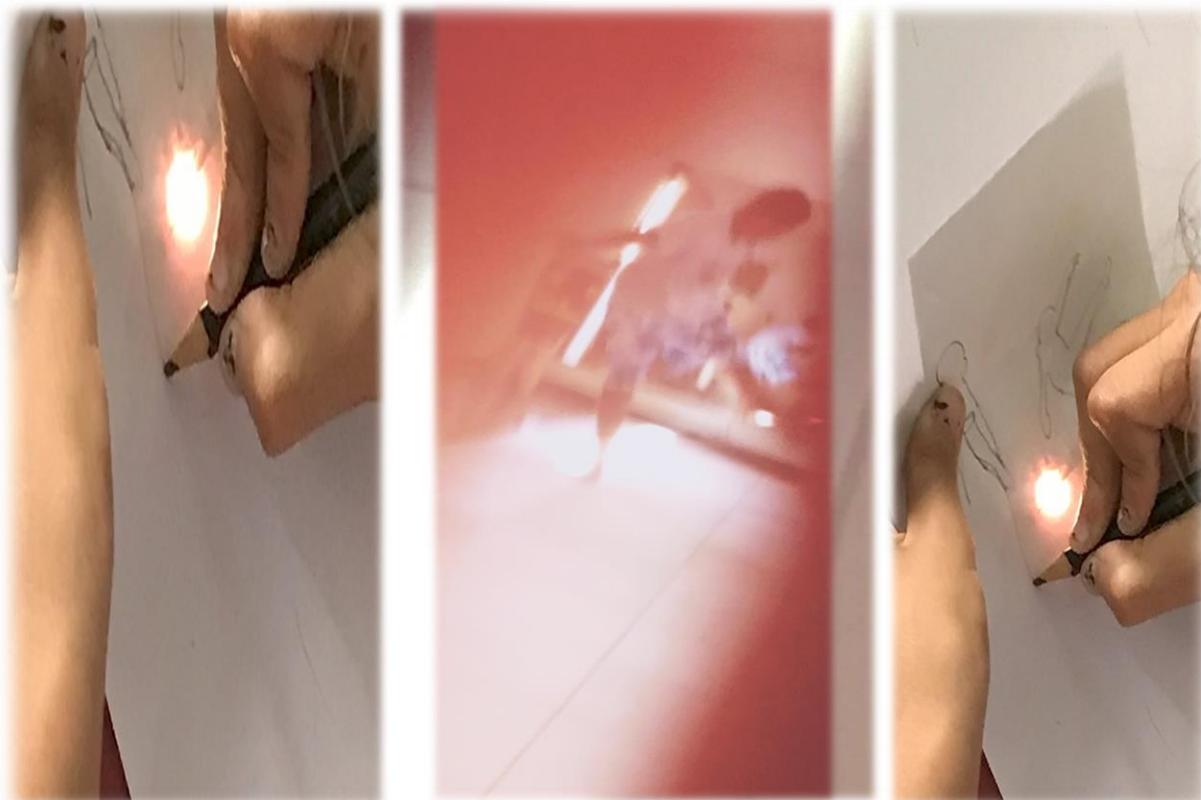
**Por me chamar para conversar.**

**Por ter olhares curiosos na pesquisa-refazenda.**

**Por ser a primeira pessoa ao me receber dentro do território-lugar, apresentando-se pelo apelido igual ao da minha avó.**

Território-lugar CEPA afirmando por algumas vozes que está sempre de portas abertas. Não sei como consegui voltar para casa... saio de lá cheia de borbulhas pelo “[...] novo jeito de ver, cuidar e sentir a educação” (Vilela, 2022, p. 71). Ao decorrer do movimento desta escrita entrei em con-tato por mensagens com docentes, modo pelo qual nasceu nossa pesquisa-refazenda.

**Os devires no território-lugar chamam, é chama ao entrar, ou melhor, ao habitar!**



Sofrer, sorrir, se dar  
 E se perder  
 E se achar  
 E tudo aquilo que é viver  
 Eu quero mais é me abrir  
 E que essa vida entre assim  
 Como se fosse o sol  
 Desvirginando a madrugada  
 Quero sentir a dor dessa manhã

Nascendo, rompendo, rasgando  
 Tomando meu corpo e então

Não dá mais pra segurar  
 Explode coração  
 (Maria Bethânia).

## REFERÊNCIAS

ALMÉRIO. **Do avesso**. Intérprete: Almério. Compositor: Almério. *In*: Desempena. Independente. 2017. CD, faixa 8.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.

BELCHIOR, Antônio Carlos. **Alucinação**. Intérprete: Belchior. Compositor: Belchior. *In*: Alucinação. Intérprete: Belchior. Polygram Philips, 1976. VINIL, lado A, faixa 1. 1976.

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.

BETHÂNIA, Maria. **Explode coração**. Intérprete: Maria Bethânia. Compositor: Gonzaguinha. *In*: Álubi. Polygram Philips 1978. VINIL, lado A, faixa 6. 1978.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRACCHI, Daniela Nery. **Imagens tecidas por linhas escritas**. 2019. Disponível em: <https://cartografiape.com/autores/dani-bracchi/>. Acesso em: 13 mai. 2024.

BARRETO, Carmem. A ontologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias na ação clínica. *In*: CABRAL, Barbara; BARRETO, Carmen; KOVÁCS, Maria; Schmidt, Maria. BARRETO, Carmen. (Org.). **Prática Psicológica em Instituições: Clínica, saúde e educação**. Curitiba: CRV, 2017. p. 39-50.

BRANDÃO, Lucas Leon Vieira de Serpa. **PODE O SUBALTERNO ESTUDAR? Cartografia da desigualdade de oportunidades para o acesso ao ensino superior pela classe trabalhadora periférica**. 2024. 123 p. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru.

CANSI, Lislaine; REQUIÃO, Renata. A poética na docência: a apresentação do mundo pelo “artista-professor”. **Revista Pedagógica**, [S. l.], v. 22, p. 1–18, 2020. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4771> . Acesso em: 13 mai. 2024.

COSTA, Gal. **Como dois e dois**. Intérprete: Gal Costa. Compositora: Caetano Veloso. Intérprete: Gal Costa. *In*: Fa-tal - Gal a todo vapor. Philips Records, LP (1971), faixa 3.

COSTA, Gal. **Divino, maravilhoso**. Intérprete: Gal Costa. Compositora: Gal Costa. *In*: Gal Costa. Philips Records, LP (1969), faixa 8.

COSTA, Gal. **Dom de iludir**. Intérprete: Gal Costa. Compositor: Caetano Veloso. Intérprete: Gal Costa. *In*: Minha Voz. Polygram Philips, LP (1982), CD (1988), faixa 4.

COSTA, Gal. **Força estranha**. Intérprete: Intérprete: Gal Costa. Compositor: Gal Costa. Intérprete: Gal Costa. *In*: Gal Tropical. Polygram Philips, LP (1979), CD (1988), faixa 7.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DIAS, Marina de Aguiar Casali. **Linha, corpo, tempo. Gestos de uma cartografia têxtil**. 2021. 95 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Juiz de Fora.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

DRUMMOND, Carlos. **Poema no meio do caminho de Carlos Drummond de Andrade (análise e significado)**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poema-no-meio-do-caminho-de-carlos-drummond-de-andrade/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. *In*: Foucault, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis, Vozes, 1987. cap 1.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O sujeito emancipado nas pedagogias críticas. **Educação & Realidade**. [S. l.], v. 26, n. 2, p. 31-50. 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/26137>. Acesso em: 3 jul. 2024.

GIL, Gilberto. - **Gilberto Gil - Refazenda - Documentário - 1975**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IPbqW1CjxmE>. Acesso em: 15 mai. 2023.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica – Cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução de Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre a experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LIA DE ITAMARACÁ. **Meu cachorro Peri fui pra escola ole, ola ajoelha, ajoelha**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ApymWNgVCL8>. Acesso em: 15 jan. 2024.

LOMBA, Debora Emanuelle Nascimento. **Diários de uma aluna aprendiz de professora: inventando Modos de aprendensinar Psicologia**. 2020. 143 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MOURA, Carolina de Oliveira Salgueiro. *et al.* **Percursos metodológicos de cartógrafos no educar**. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2016.

NOGUEIRA, Bruno; BRACCHI, Daniela. **Diálogos entre educação, arte e política cultural no brasil**. **SciELO Preprints**, 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/5135>. Acesso em: 13 mai. 2024.

NOVAES, Aduino. (Org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OLIVEIRA, Lidiane Martins. **(Des)caminhos de um devir-professora**. 2018. 110 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia. 2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PÁL PELBART, P. **A vertigem por um fio**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. **EDUCAÇÃO PELO SENSÍVEL**. Linguagens - **Revista de Letras, Artes e Comunicação**. ISSN 1981 – 9943. v. 1, n. 2, p. 113-127, 2007.

POMPÉIA, João; SAPIENZA, Silê. **Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. São Paulo: EDUC; ABD, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do Sensível: Estética e Política. In: **Da partilha do sensível e das relações que estabelece entre política e estética**. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 15-26. cap. 1.

RASSLAN, Simone Nogueira. **A escuta e o silêncio: matéria da educação**. 2019. 174 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIBEIRO, Cintya. Poéticas do contingente: alguns ensaios em meio à docência. **Revista Práxis Educativa**. v. 17, e2218509, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 15 mai. 2024.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

SIBA. **Toda vez que eu dou um passo / o mundo sai do lugar**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sqkepDZqq8>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SILVA, Manoela Bezerra da. **Mapa poético: rizoma, devir, cartografia do território eu**. 2022. No prelo.

SILVA, Maria do Rosário Azevedo. **“P” de professor/a” a docência configurando as vidas de professores/as e a potência das vidas esculpindo docências**. 2022. 237 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOUZA, Maria da Conceição Hatem. **Cartografia luminosa de um território em trânsito**. 2011. 96 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP.

SOUZA, Wyne Nogueira de. **TENSÕES EPISTÊMICO-DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NA PRÁTICA DOCENTE XUKURU: relações entre a colonialidade e a decolonialidade.** 2024. 196 p. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru.

TABOSA, Clemliton Fernando Barbosa. **CEPA: um rosto e processos próprios de tradução da educação popular em Caruaru-PE.** 2020. 196 p. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru.

VELOSO, Caetano. **Dom de iludir.** Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *In:* Noites do Norte ao vivo. Intérprete: Caetano Veloso. Universal Music, 2001. CD, faixa 17.

VILELA, André Afonso. **Os devaneios entre o nós e o eu no processo de formação profissional docente: percursos tangíveis.** 2022. 131 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro – São Paulo.

ZUMBI, Nação. **Cuidado.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gcRTesFZ65c>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ZUMBI, Nação. **Da lama ao caos.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDI5rZCntPc>. Acesso em: 15 fev. 2024.